

**UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE PERNAMBUCO
MESTRADO EM HEBIATRIA**

**PREVALÊNCIA DE COMPORTAMENTO VIOLENTO EM ESTUDANTES E
SUA RELAÇÃO COM FATORES COMO PARTICIPAÇÃO EM TORCIDAS
ORGANIZADAS DE TIMES DE FUTEBOL, DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS E
COESÃO FAMILIAR**

CAMARAGIBE

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

RICARDO ALEXANDRE GUERRA VIEIRA

**PREVALÊNCIA DE COMPORTAMENTO VIOLENTO EM ESTUDANTES E
SUA RELAÇÃO COM FATORES COMO PARTICIPAÇÃO EM TORCIDAS
ORGANIZADAS DE TIMES DE FUTEBOL, DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS E
COESÃO FAMILIAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da FOP/UPE, como requisito para obtenção do título de Mestre em Hebiatria.

**ORIENTADOR: ARNALDO DE FRANÇA
CALDAS JÚNIOR**

**CAMARAGIBE
2009**

RESUMO: A adolescência é uma destacada fase da vida na qual as influências externas ganham importância e podem determinar comportamentos e condutas futuras, como, por exemplo, o comportamento violento. O objetivo deste estudo transversal e analítico foi analisar a prevalência de comportamento violento em estudantes do Ensino Médio na cidade do Recife e a associação com fatores como a participação em torcidas organizadas de times de futebol, coesão familiar e uso de drogas lícitas e ilícitas. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Agamenon Magalhães e só foi implementada após a aprovação deste comitê sob o registro 191/08. Para a representatividade da amostra, foi considerado um intervalo de confiança de 95% ($Z=1,96$), um erro máximo de 0,05 ($D=0,05$) e $d_{eff}=1.4$. Estimando perdas eventuais, aplicou-se o fator de correção de 1,2, obtendo-se desta forma, uma amostra de 714 adolescentes. Do total de 714 adolescentes da amostra desta pesquisa, quatro adolescentes não obtiveram a autorização dos pais para a sua participação no estudo, dois, entregaram os questionários sem respostas e um informou ter a idade superior a determinada como máxima pelo critério de inclusão do estudo, totalizando 707 pesquisados. De acordo com os resultados encontrados, verificou-se que dos 707 adolescentes avaliados, 78,22% eram de escolas da rede pública de ensino e 21,78 % de escolas da rede privada, sendo 48,23% do sexo masculino e 51,63% do feminino, com idade média de 16,52 anos ($\pm 1,233$), variando entre 15 e 19 e em sua maioria solteiros, do tipo de cor de pele parda e pertencentes a classe socioeconômica C. A amostragem utilizada no estudo foi do tipo de múltiplos estágios e a coleta de dados foi realizada através de um formulário de registro de informações sócio-econômicas, da escala de coesão familiar e de um questionário de avaliação sobre comportamento violento. Quanto a variável dependente do estudo, comportamento violento, a maioria dos pesquisados, declarou ter insultado ou xingado alguém nos últimos meses, determinando uma prevalência de 62,9% e no que se refere ao envolvimento em brigas, a prevalência foi de 31,1%. Ainda foi possível observar, através de uma relação não usualmente investigada pela comunidade científica, a associação estabelecida entre comportamento violento dos adolescentes e a sua participação em torcidas organizadas de times de futebol, revelando um percentual de prevalência de comportamento violento de 56,90%. Quanto a participação de cada tipo de variável no desfecho do comportamento dos adolescentes, os resultados da análise das variáveis através do modelo de regressão logística hierarquizado demonstraram que as variáveis sexo, idade, IDH do bairro de moradia, consumo de drogas ilícitas e participação do adolescente em torcidas organizadas de times de futebol se apresentaram associadas ao desfecho com maiores chances para o desenvolvimento de comportamento violento nos adolescentes, sendo o consumo de drogas ilícitas e a participação em torcidas organizadas de times de futebol, as variáveis que apresentaram maiores chances para o adolescente desenvolver este tipo de comportamento. Desta forma, espera-se que estes dados possam subsidiar novas pesquisas em busca da sistematização e do aprofundamento do tema, assim como, possam servir de referência para a elaboração de estratégias mais eficazes de atuação para a prevenção e superação deste problema que tantas consequências traz, não só para os adolescentes, mas para toda a sociedade.

Palavras chave: Violência, adolescência, futebol, relacionamento familiar.

ABSTRACT: Adolescence is a remarkable phase in life during which external influences acquire importance and may determine behavior and future way of acting like, for instance, violent reactions. The main goal of this transversal and analytic study has been to identify the prevalence of violent behavior of high school students in Recife – Pernambuco – Brazil and its association with factors as participation in organized soccer clubs' groups of cheerers, family cohesion and use of licit and illicit drugs. This research was submitted to the Ethical Committee in Human Beings of the **Agamenon Magalhães Hospital** and was only implemented after their approbation under the register number 191/08. As for the representativeness of the sample, it was taken in account a confidence interval of 95% ($Z=196$) maximum error of 0.05 ($D=0.05$) and ($d_{eff} = 1.4$). In relation to eventual losses, it was applied the correction factor of 1.2, obtaining, this way, a sample of 714 teenagers. From the total number of 714 adolescents, four of them couldn't obtain their parents' consent, two of them handed their questionnaires without being answered and one of them informed to be of upper age than that determined one as maximum by the inclusion criteria of the study, making the final number of 707 teenagers in the research. According to the results it was verified that from the 707 evaluated adolescents, 78.22% had come from public schools and 21.78% from private ones, being 48.23% of male sex and **51.77%** of female sex, with medial age of 16.52 years, between 15 and 19 years old, most of them single, mulattos and belonging to socioeconomic class C. The sample process used in the study was that of multiple stages and data collecting was accomplished through a register formulary with socioeconomic details, a family cohesion scale and a questionnaire of evaluation about violent behavior. As for the variable point violent behavior, which depends on the study, most researched group declared to have insulted or scolded someone last months, determining prevalence of 62.9%, and as for being involved in altercations, prevalence reached 31.1%. It was still possible to observe, through a relation not commonly investigated by scientific community, the established association between teenagers' violent behavior and their participation in soccer clubs' groups of cheerers, revealing a percentage of prevalence of violent behavior of 56,90%. As for the participation of each type of variable points at the outcome of the adolescents' behavior, the results of the variable points' analyses through the model of hierarchic logistical regression showed that the variable points: sex, age, human development index (**HDI**) of their dwelling district, consumerism of illicit drugs and participation in soccer clubs' groups of cheerers presented themselves associated to the outcome with greater chances to the development of violent behavior of the teenagers; being the consumerism of illicit drugs and participation in soccer clubs' groups of cheerers the variable points which showed greater chances for the adolescent to develop this kind of behavior. This way we hope that this data can support new researches, seeking systematization and deepening of the theme, as well as serve as a reference to the elaboration of more efficient strategies to overcome and prevent this problem which brings so many bad consequences not only to adolescents but also the whole society.

Key words: Violence, adolescence, soccer, familiar relationship.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade que me deu para poder ampliar meus estudos ao lado de pessoas tão importantes para a continuidade do meu processo de desenvolvimento intelectual e profissional neste programa de mestrado.

Não obstante, seria impossível para mim, começar falando em agradecimentos sem de imediato pensar nos meus pais, José Eraldo Vieira e Maria Mércia Guerra Vieira, e em todo o carinho e dedicação que sempre tiveram por mim desde o dia do meu nascimento, assim como no meu avô, Wiberto Guerra, que, mesmo sem ter tido a oportunidade de concluir um curso superior, foi instrutor da antiga Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco e a sua esposa, minha avó Maria da glória, a carinhosa Dona Lia. Mas de uma forma muito especial gostaria de agradecer a minha esposa, Gisela Rocha de Siqueira, maior incentivadora, orientadora e companheira com a qual pude contar nas horas mais difíceis e precisas.

Ao meu orientador, Prof. Arnaldo de França Caldas Júnior, que não só me apoiou, mas me conduziu de forma tão decisiva no processo de construção deste trabalho e de minha formação como pesquisador, manifesto todo meu respeito e admiração.

Não poderia esquecer, também, dos colegas de curso e da equipe administrativa do mestrado, dos quais destaco as colegas Deuzany e Andréa e os funcionários Anderson, Rodrigo e Marcílio. Há tantas outras pessoas e amigos, que fica muito difícil lembrar de todos nominalmente, quero compartilhar a alegria e o sentimento de missão cumprida. No entanto, de uma forma particular, gostaria de destacar três pessoas muito importante no decorrer de todo o processo, a amiga Anniele Martins e os meus amigos e padrinhos Sabino e Daniela.

Por fim, aos adolescentes que voluntariamente se dispuseram a participar deste estudo, a Secretaria de Educação e as escolas públicas e privadas da cidade do Recife gostaria de externar a minha profunda gratidão.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de alunos sorteados por GRE'S e rede de ensino	21
Tabela 2: Número de escolas sorteadas por GRE'S e rede de ensino	21
Tabela 03: Classificação dos valores normativos do FACES III	25
Tabela 4: Características demográficas dos estudantes avaliados	29
Tabela 5: Grau de instrução dos responsáveis pelos adolescentes e renda	34
Tabela 6: Percentual de ocupação dos adolescentes pesquisados	35
Tabela 7: Cruzamento de dados entre cor da pele e se o adolescente trabalha	36
Tabela 8: Comportamento violento dos estudantes avaliados	38
Tabela 9: Relação entre dados sociodemográficos e comportamento violento dos adolescentes	40
Tabela 10: Relação entre classe socioeconômica e comportamento violento dos adolescentes	42
Tabela 11: Relação entre consumo de drogas lícitas e ilícitas e participação em torcidas organizadas com o comportamento violento dos adolescentes	43
Tabela 12: Relação entre Coesão e fatores familiares e comportamento violento dos adolescentes	45
Tabela 13: Consumo de drogas lícitas e ilícitas	47
Tabela 14: Relação entre consumo de bebidas alcoólicas e consumo de tabaco com consumo de drogas ilícitas	49
Tabela 15: Relação entre consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas com dados sociodemográficos	50
Tabela 16: Relação entre consumo de bebidas alcoólicas e consumo de drogas ilícitas com dados socioeconômicos	53
Tabela 17: Relação entre consumo de bebidas alcoólicas e consumo de drogas ilícitas com fatores familiares	55
Tabela 18: Relação entre consumo de bebidas alcoólicas e consumo de drogas ilícitas com fatores relacionados à violência	56
Tabela 19: Diferenças sociodemográficas dos estudantes integrantes de Torcidas Organizadas e dos não integrantes	58

Tabela 20: Relação entre integrantes e não integrantes de Torcidas Organizadas e consumo de drogas lícitas e ilícitas	60
Tabela 21: Relação entre integrantes e não integrantes de Torcidas Organizadas e fatores familiares	62
Tabela 22: Relação entre integrantes e não integrantes de Torcidas Organizadas com comportamento violento e fatores relacionados ao futebol	64
Tabela 23: Relação entre coesão familiar e dados sociodemográficos dos estudantes avaliados	67
Tabela 24: Relação entre coesão familiar e fatores familiares	68
Tabela 25: Modelo de regressão logística Hierarquizado	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Cor da pele declarada pelos adolescentes pesquisados	30
Gráfico 2: Classificação socioeconômica dos adolescentes pesquisados	31
Gráfico 3: Grau de Instrução do Responsável pelo adolescente	32
Gráfico 4: Situação trabalhista dos responsáveis pelos adolescentes	32
Gráfico 5: Renda do responsável pela família dos adolescentes pesquisados	33
Gráfico 6: Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do bairro dos adolescentes pesquisados	

SUMÁRIO

1 Introdução	08
2 Revista da Literatura	10
3 Objetivos	17
3.1 Objetivo Geral	17
3.2 Objetivos Específicos	17
3.3 Hipóteses	17
4 Metodologia	18
4.1 Desenho e localização do Estudo	18
4.2 População do Estudo	18
4.3 Amostra	18
4.4 Amostragem	19
4.5 Critérios de Inclusão	22
4.6 Critérios de Exclusão	22
4.7 Variáveis Estudadas	22
4.7.1 Variáveis Dependentes	22
4.7.2 Variáveis Independentes	22
4.8 Coleta de Dados	23
4.8.1 Instrumentos de Coleta de Dados	23
4.8.2 Procedimentos para a Coleta dos Dados	25
4.9 Plano de Descrição e Análise dos Resultados	26
4.10 Aspectos éticos	28
5 Resultados e Discussão	29
6 Conclusões	72
7 Referências	74
Anexos	

1 INTRODUÇÃO

A violência consiste em um problema social, político e relacional da humanidade que vem assumindo dimensões diferenciadas e contextualizadas no processo de vida social. Por ser um fenômeno complexo e resultante de múltiplas determinações, o tema pode ser considerado sob diversas óticas, mas normalmente é enquadrado na literatura sob a classificação de violência urbana ou social (MINAYO, 1994; 2005).

Para Baron (2004), o termo violência pode ser definido como qualquer ato ou ação de um indivíduo ou grupo, cujo fim é ferir ou ofender quem esteja empenhado em evitar tal tratamento. E segundo Anser, Joly e Vendramini (2003), um ato é considerado violento quando causar dano a terceiros, usar força física ou psíquica, for intencional e contra a vontade de quem é atingido. Conforme dados do Ministério da Saúde (BRASIL, 2005), vários são os fatores geradores da violência social, tais como, indisciplina no trânsito, transgressões, roubos, assaltos, assassinatos, contrabandos e exploração do trabalho infantil. Recentemente, o comportamento dos torcedores nos estádios de futebol foi inserido neste contexto, por se constituir em um problema que afeta as pessoas de forma direta e indireta, dentro e fora dos estádios.

Krug e seus colaboradores (2002) descrevem que a literatura aponta os adolescentes e jovens como os que mais sofrem e cometem agressões no Brasil e em países da América Latina. Mas, para a análise do comportamento violento ou anti-social, destacam a importância de se incluir a rede de significações dentro da qual este comportamento é produzido, sendo imprescindível considerar o contexto em que vive o jovem, no ambiente familiar, na escola, na comunidade e nos grupos de relacionamento, os chamado pares.

A família, para o adolescente, constitui o primeiro espaço de produção e reconhecimento da violência, por ser o funcionamento familiar decisivo para proteção da saúde ou para criar uma condição de vulnerabilidade para a manifestação de distúrbios comportamentais no jovem e adolescente (HENRIQUE, 2001; LORDELO; BASTOS; ALCANTARA, 2002; SCHENKER; MINAYO, 2003; RABELO e CALDAS-JÚNIOR, 2007).

Os pares e a escola também têm participação destacada e fundamental no processo de formação da identidade e personalidade dos jovens e adolescentes em sociedade. Os primeiros, porque são os companheiros que fazem parte dos grupos nos quais estes jovens e adolescentes estão socialmente inseridos nas suas relações cotidianas e podem influenciar suas condutas, inclusive no que se refere ao uso de drogas lícitas e ilícitas e a participação em subgrupos como as torcidas organizadas de times de futebol. E a escola, porque é onde o adolescente passa a maior parte do tempo, ao longo dos anos (SPOSITO, 1998; CARDIA, 1999; LOPES NETO, 2003; SILVA, 2003).

Além disso, a escola consiste numa instituição social onde se encontram a maioria dos adolescentes brasileiros em decorrência da obrigatoriedade do ensino fundamental para todos compreendidos entre 7 e 14 anos. Em dados do IBGE (2004), verifica-se que foram alcançadas altas taxas de escolarização nessa faixa, com índices de 96,9%, chegando-se a patamares acima de 81,5% para as faixas etárias subseqüentes. No Relatório da Situação da Adolescência Brasileira lançado pela UNICEF no ano de 2003, se estimou que o número de adolescentes matriculados no ensino fundamental e médio no Brasil era de até 96% nos grandes centros urbanos. O que determinou que a grande maioria dos mais de 35.000.000 de adolescentes brasileiros passe boa parte do seu tempo neste espaço de intensas relações sociais, tornando-se assim, a escola, um importante local de contingenciamento, acesso e recrutamento destes adolescentes para pesquisas pela comunidade científica (BRASIL, 2005).

Nesse sentido, em busca de dar à temática da violência na adolescência a devida atenção que merece nos espaços acadêmicos e visando contribuir para a discussão de tema tão importante no universo dos problemas relacionados à violência social, foi organizado este estudo tendo o objetivo de investigar a prevalência de comportamento violento em estudantes da cidade do Recife e a associação de fatores a este tipo de comportamento, como participação em torcidas organizadas de times de futebol, uso de drogas lícitas e ilícitas e coesão familiar.

2 REVISTA DA LITERATURA

Foram consultadas nesta pesquisa, obras de referência dentre elas, livros, periódicos, anais de congressos, priorizando textos da literatura das últimas duas décadas nos idiomas português e inglês, sendo consultadas as bases de dados da literatura científica on line LILACS, MEDLINE, SCIELO, ADOLEC, vinculadas à biblioteca virtual BIREME (<http://www.bireme.br>), utilizando os seguintes descritores: Violência, adolescência, futebol, relacionamento familiar.

Violência é um tema que foge a qualquer forma precisa de conceituação. Não é um típico problema médico ou uma específica questão de segurança, mas, de acordo com Minayo (2005), fundamentalmente deve ser compreendida como um problema social que acompanha toda a história e as transformações da humanidade, pois não se conhece nenhuma sociedade totalmente isenta de violência. Dentro de épocas específicas, a violência apresenta-se através de formas particulares que persistem no tempo e se estendem por quase todas as sociedades, como o caso da violência de gênero, idade e raça. O comportamento violento também tem conotação cultural e abrange todas as classes e segmentos sociais, embora algumas de suas expressões sejam mais típicas dos pobres e outras da classe média e dos ricos. Portanto, para enfrentar o problema é preciso se investir na compreensão do fenômeno para diagnosticá-lo, melhor notificá-lo e buscar formas específicas de atuação (CAMACHO, 2001; HENRIQUES, 2001; ROCHA, 2003; MINAYO, 2003; 2005; MÂNICA; TESSMER; CORRALES, 2006).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a violência é o uso intencional da força física ou do poder, real ou por ameaça, contra a própria pessoa, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que pode resultar, ou tem alta

probabilidade de resultar, em morte, lesão, dano psicológico, alterações do desenvolvimento ou de privação (OMS, 2002).

A origem da violência humana tem diversas e controversas explicações. Passa por fatores orgânicos e psíquicos relacionados as características de personalidade de cada indivíduo e de suas histórias de vida, os chamados determinantes sociais, que muito tem haver com a realidade sócio-econômica e integram uma categoria classificatória que Minayo (1994), definiu como Violência Estrutural ou fundamental. Além disso, de acordo com a mesma autora, existem fatores situacionais que podem lhes servir como elemento potencializador, tais como o uso de drogas, álcool, porte de arma e a participação em subgrupos sociais (facções criminosas, torcidas de clubes de futebol, entre outros) que determinam a composição do quadro da chamada violência da delinqüência, revelada em ações fora da lei socialmente reconhecida e cuja análise necessita passar, também, pela compreensão da violência estrutural.

No Brasil, a violência estrutural está principalmente associada à desigualdade socioeconômica. Apesar disso, Minayo (1994) afirma que alguns estudos como o de Denisov (1986), indicam que não são as regiões mais miseráveis do país aquelas que concentram maior índice de violência, pois essa pode partir de qualquer um, de qualquer classe social e contra qualquer indivíduo.

Para autores como Chesnais (1999) e Minayo (2003) não há dúvidas de que a violência afeta a saúde enquanto sistema público. Difícil é entender, precisar e quantificar suas proporções, já que se trata de um controverso e dinâmico fenômeno biopsicossocial que tem seu espaço de criação e desenvolvimento na vida em sociedade. A violência provoca mortes, lesões e traumas físicos e um grande número de agravos mentais, emocionais e espirituais, diminui a qualidade de vida das pessoas e das coletividades, interfere na adequação da organização tradicional dos serviços de saúde e coloca novos problemas para o atendimento médico (DOMENACH, 1981; DAMATTA, 1982; DESLANDES, 1993; MINAYO, 1994; 2003; 2005).

As vítimas precisam de atendimento nos serviços de urgência e de uma atenção especializada no que se refere à reabilitação física e psicológica, assistência social, entre outras coisas. Mas a área da saúde não deve continuar como tradicionalmente tem feito,

concentrando seus esforços em atender apenas os efeitos da violência, isto é, na reparação dos traumas e lesões físicas nos serviços de emergência e na atenção especializada nos processos de reabilitação, aspectos médico-legais e nos registros de informações (DESLANDES, 1993).

Em torno do final da década de 80 se começa a perceber uma preocupação com a inclusão do tema violência na agenda da saúde pública brasileira. Mas é na década de 90 que a preocupação com o tema ganha prioridade nas agendas das organizações internacionais, passando a violência a adquirir um caráter endêmico e a ser relacionada como um problema de saúde pública em vários países (MINAYO, 1994; 1999; 2003; 2005; SOUZA; MELLO JORGE, YUNES, 2001; SIMÕES, 2002; SOUZA, 2005).

Sua inclusão como problema de saúde, justifica-se, principalmente, no fato de mortes e traumas ocorridos por causas violentas virem aumentando a passos alarmantes e na influência deste fato nos potenciais anos de vida perdidos, denominado por Minayo (1994) de mortalidade prematura. Portanto, enquanto complexo fenômeno social, a violência precisa ser analisada em toda sua complexidade em rede, e, para entendê-la, há que se pensar tanto na sua especificidade histórica quanto para além dela. Desta forma, se há uma preocupação dos setores envolvidos com a saúde pública de adequarem equipamentos e recursos humanos à demanda crescente dos serviços de atendimentos há de se haver, também, uma grande preocupação de voltar à atenção para o campo da prevenção (GAWRYSZEWSKI; KOIZUMI; MELLO JORGE, 2004).

Por outro lado, as diferentes formas de violência são graves obstáculos ao pleno desenvolvimento dos adolescentes. E é justamente nesse grupo (que no ano 2000 correspondia a 21% da população brasileira) que as manifestações da violência, como vítimas ou autores, provocam mais impacto. São os adolescentes e jovens os que mais morrem por agressões e também são os mais apontados como autores de agressões no País e na América Latina (KRUG et al., 2002).

Também são os jovens e adolescentes os que mais relatam perda de amigos e parentes e mudanças de bairro por problemas de violência. A proximidade com a violência é tanta na vida desta importante parcela da população, que em estudo realizado por Córdia (1999) com jovens de capitais de estados brasileiros, 48%

relataram terem colegas que espancaram outras pessoas; 36% colegas que andam armados; e 14% amigos que mataram outras pessoas.

De acordo com Luz e Silva (1999) a adolescência e juventude são construtos recentemente incorporados na história da humanidade que exigem a compreensão de várias realidades marcadas por determinações genéticas, biológicas, sociais, culturais, econômicas, familiares, ou ainda, com especificidades próprias da realidade particular de cada indivíduo ou grupo social.

A adolescência é uma destacada fase da vida na qual as influências externas ganham importância e influenciam comportamentos e condutas futuras. De acordo com Brasil (2005) a delimitação dessa fase não é efetivamente mensurável pela quantidade de anos, todavia, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)/Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1990 e o Ministério da Saúde em 1989 a categorizaram como o período compreendido entre os 10 e os 19 anos, sendo a juventude, para os mesmos órgãos, a fase compreendida entre os 15 e os 24 anos. Já para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) a adolescência abrange a fase dos 12 aos 18 anos de idade.

O adolescente oscila entre condutas que o expõe a riscos que podem comprometer a sua saúde de forma irreversível e dentre estas condutas se pode citar o uso de drogas lícitas e ilícitas, delinquência e atitudes anti-sociais. E é neste contexto, que o futebol, enquanto um dos mais importantes fenômenos coletivos da atualidade vem se traduzindo em um dos principais códigos e símbolos sociais de agrupamento principalmente de jovens e, como sofre os reflexos dos fatores de violência, gera conflitos manifestados dentro e fora dos estádios (CARVALHO, 1985; SHEPHERD, 1991; MURPH; WILLIAMS; DUNNING, 1994; DI'CLEMTE, 1998; BARROS, 1990; FREITAS, 2000; KOWARICK, 2000; CUNHA, 2007).

Mas a violência no cenário do futebol não é acontecimento recente e há registros na história do futebol brasileiro e mundial de atos de extrema violência entre torcedores. O que é inédito é o movimento social de jovens em torno de uma organização, as chamadas torcidas organizadas, que difunde novas dimensões culturais e simbólicas no

cotidiano urbano, amoldando o comportamento dos inscritos (SILVA, 1996; COSTA, 1999; PIMENTA, 1997; 2000; TEIXEIRA, 2001).

O surgimento das primeiras torcidas organizadas no Brasil, data do fim da década de 60 e do começo dos anos 70. Os torcedores organizados brasileiros tiveram seu auge na década de 80, com espetáculos de coreografias nos estádios, cantos e hinos entoados durante quase todos os jogos (KOWARICK, 2000; PIMENTA, 1997; 2000) e, segundo Reis (2000; 2003), existem várias categorias de público de futebol classificados em: espectadores, torcedores, torcedores uniformizados e torcedores organizados.

De acordo com Toledo (1994; 1994; 1996) partir da década de 80, o comportamento do torcedor foi modificando-se consideravelmente nas arquibancadas dos estádios de futebol brasileiros. Pode-se dizer que isso se deve ao surgimento de um fenômeno essencialmente urbano e com característica burocrática-militar, que cria uma nova configuração organizativa na categoria dos torcedores, ou seja, o chamado “torcedor organizado” (PIMENTA, 1997). Por “burocrática-militar”, segundo o mesmo autor, entende-se grupos de torcedores que formam, ao seu redor, estrutura organizativa com base em estatutos, quadro associativo, departamento administrativo e de vendas, sede para ponto de encontro, reuniões, interação social e que estão preparados, se necessário, para o confronto físico e verbal contra os grupos rivais.

Reis (2003) descreve que a partir da década de 90 do Séc.XX as novas filiações às torcidas organizadas foram realizadas em sua maioria por jovens de entre 12 e 18 anos de idade. Em dados do comando do 2º Batalhão de Choque da cidade de São Paulo apresentados por Pimenta (2000), as vítimas fatais nos enfrentamentos entre torcedores de futebol são na maioria pertencentes à faixa etária de 10 a 22 anos e, dos elementos que praticam atos violentos, a maioria dos agressores eram menores de 18 anos com uma média de idade 16 anos, correspondendo as fases da adolescência classificadas na literatura como adolescência propriamente dita e adolescência tardia e que compreendem a faixa dos 14 aos 19 anos.

No entanto, ao se abordar o tema da violência entre torcidas organizadas não se pode perder de vista a articulação que este problema mantém com os aspectos político,

econômico e sociocultural vivenciados nas relações individuais e grupais na sociedade brasileira contemporânea, o que provoca grandes instabilidades, interferindo, inclusive, na identidade social dos jovens que se expressam através da negação do outro enquanto ser social (CHAUÍ, 1986; YOUNG, 1991; SCHERER-WARREN, 1993; PIMENTA, 1997; 1999; REIS, 2003; CUNHA, 2007).

De acordo com Reis (1998; 2000; 2003), as explicações sobre este tipo de comportamento violento observadas nos discursos das autoridades esportivas e dos torcedores, têm ressonância nas seguintes justificativas: má distribuição de renda; exploração dos dirigentes esportivos e dos líderes das torcidas; efeitos da criminalidade; ausência de expectativa de futuro aos jovens; ausência do Estado, enquanto mentor de políticas públicas de formação social; efeitos da pobreza; afrouxamento da ordem legal e das posturas repressivas das instituições de segurança e justiça; falta de emprego; miséria generalizada; familiarização com a violência; falta de infra-estrutura nos estádios de futebol; má arbitragem; gozações de adversários e derrota de uma partida de futebol. Enfim, há um universo de argumentos e todos relevantes do ponto de vista da análise empírica.

Porém para De Antoni e Koller (2000), a presença ou ausência de valorização da família têm reflexo direto neste processo e autores como Cahn (1998) e Araújo (2002) acreditam que as respostas dos indivíduos às situações cotidianas da vida trazem íntima ligação com a psicodinâmica de sua relação familiar. De acordo com Zdanowicz, Janne, Reynaert (2004), a família tem um papel chave para a saúde na adolescência, sendo então a coesão familiar, ou seja, os laços emocionais que cada membro estabelece e mantém com os outros membros da família um dos mais importantes e fundamentais elementos, representando a pouca coesão familiar um risco adicional para o surgimento de transtornos como, por exemplo, conduta agressiva.

Osório (1997) destaca que a família propicia o desenvolvimento psíquico e a aprendizagem da interação social, a partir da transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais e, neste contexto, a coesão familiar é considerada uma dimensão básica para a compreensão de relações familiares. E para Caldas Jr, Rabelo (2007), o atual ritmo acelerado da vida e a fragmentação das relações afetivas levaram a família a

uma nova dinâmica e, conseqüentemente, a mudanças de padrão de convivência, onde fatores interligados, como o consumo de substâncias lícitas e ilícitas, a coesão familiar e violência doméstica concorrem para que o relacionamento familiar perca o equilíbrio gerando conflitos e agressões.

Carlini et al (2002) apresentam números do I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas no Brasil feitos pelo Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) que apontam que 52% dos casos de violência doméstica estavam ligados ao álcool. Estatísticas internacionais apontam que em geral cerca de 15% a 66% de todos os homicídios e agressões sérias cometidas, o agressor, vítima, ou ambos tinham ingerido bebidas alcoólicas (WHITE e GORMAN, 2000). E dados de janeiro de 2004 do Ministério da Justiça referente aos 39.578 adolescentes em situação de conflito com a lei cumprindo medida no sistema sócio educativo brasileiro revelaram que o consumo de drogas é muito alto entre os adolescentes que estão internados (86%), dividindo-se entre o uso de maconha (67,1%), álcool (32,4%), cocaína (31,3%) e inalantes (22,6%) (BRASIL, 2005).

Todavia, não obstante ao exposto, Minayo (2005) ressalta a dificuldade de se apresentar dados conclusivos sobre violência, principalmente quando relacionados ao dimensionamento da morbidade, em função da escassez de dados disponíveis, do problema da subnotificação e do fato de, quase nunca, um caso de morbidade pode ser encontrado em apenas uma rubrica.

Além disso, sobre prevalência de violência envolvendo adolescentes, na literatura normalmente são encontrados dados relacionados a diferentes fatores como, gênero, vitimação e agressão, mortalidade, morbidade, causas externas, violência doméstica, violência nas relações íntimas, violência física, violência sexual, violência psicológica, entre outros.

Moffitt e Caspi (2002) referem estudos que estimam que a prevalência da violência entre jovens adultos se situa entre os 21,8% e os 55%. Por sua vez, Mahoney, Williams e West (2001) demonstraram achados nos quais a violência havia sido arbitrada como envolvendo 28% dos homens e mulheres em algum momento de suas vidas. Já Azevedo e Guerra (2006), encontraram em seus estudos sobre violência

doméstica, uma média de 31,4% de crianças e adolescentes vítimas de algum tipo de violência física nos últimos dez anos, com dados que variaram entre 11% e 41%. E Jalon (2005) aponta valores entre 10% e 20% para adolescentes que se reconhecem como vítimas de violência na escola e entre 4% e 10% para os que se reconhecem como agressores. Cárdua (1999) apresenta dados referindo 17% de adolescentes e jovens vítimas de agressões verbais na escola, enquanto Kanh (2001) constatou que 70% dos estudantes investigados por ele, em escolas de São Paulo, foram vítimas de algum ato de incivilidade.

Desta forma, embora a violência se caracterize como parte intensa nas dimensões do cotidiano urbano contemporâneo principalmente nos grandes centros, e ultimamente o tema relacionado à violência na adolescência tenha despertado o interesse de estudiosos, verifica-se que o assunto carece ser melhor estudado, especialmente no que se refere à participação de adolescentes em torcidas organizadas de times de futebol e outros fatores como o uso de drogas lícitas e ilícitas e coesão familiar. Sendo considerado para a análise da variável dependente violência, o conceito de comportamento agressivo adotado por Lopes Neto (2002), que engloba ações diretas de agressão física e indiretas como agressões emocionais do tipo insultos.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a prevalência de comportamento violento em adolescentes estudantes do Ensino Médio na cidade do Recife e fatores que podem estar associados a este tipo de comportamento como participação em torcidas organizadas de times de futebol, coesão familiar e consumo de drogas lícitas e ilícitas.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Traçar o perfil sócio-demográfico da amostra estudada;
- Determinar a prevalência de comportamento violento;
- Verificar se o comportamento violento de adolescentes está associado a sua participação em torcidas organizadas de times de futebol.
- Verificar se o comportamento violento de adolescentes está associado à coesão familiar.
- Verificar se o comportamento violento de adolescentes está associado ao uso de drogas lícitas e ilícitas.
- Verificar a força de associação entre as variáveis independentes com a variável desfecho.

3.3 HIPÓTESES

A participação em torcidas organizadas de time de futebol é um fator associado ao comportamento violento de estudantes do Ensino Médio na cidade do Recife.

A coesão familiar é um fator associado ao comportamento violento de estudantes do Ensino Médio na cidade do Recife.

O uso de drogas lícitas e ilícitas é um fator associado ao comportamento violento de estudantes do Ensino Médio na cidade do Recife.

4 METODOLOGIA

4.1 DESENHO E LOCALIZAÇÃO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo de caráter epidemiológico, do tipo transversal e analítico. Optou-se por este tipo de estudo pela relativa simplicidade, menor intervalo de tempo para sua realização. Além disso, produz medidas de associação que permitem expressar

com rapidez os dados obtidos com alto potencial descritivo e representatividade da população, sendo uma boa opção para descrever características do evento, identificar casos e detectar grupos de risco (ALMEIDA FILHO; ROUQUAYROL, 2006; PEREIRA, 2006).

Esta pesquisa foi realizada, na cidade de Recife, situada no Estado de Pernambuco, na região Nordeste do Brasil. A coleta de dados foi feita nos meses de agosto a outubro de 2008, após a devida aprovação do comitê de ética em pesquisas em seres humanos do Hospital Agamenon Magalhães.

4.2 POPULAÇÃO DE ESTUDO

A população de estudo foi composta por adolescentes de escolas públicas e particulares da cidade do Recife, de ambos os sexos e com idade compreendida entre 15 e 19 anos, faixa etária correspondente ao curso de ensino médio.

4.3 AMOSTRA

A amostra foi calculada através da fórmula $n = [DEFF * Np(1-p)] / [(d^2 / Z^2_{1-\alpha/2} * (N-1) + p * (1-p)]$, onde Z corresponde ao valor da distribuição normal, padrão correspondente ao nível de confiança desejado, P é a prevalência esperada (valor da prevalência na população), D é a precisão, ou seja, erro máximo aceitável na estimativa (semi-amplitude do intervalo de confiança) e DEFF o fator de correção utilizado em função do efeito do desenho do estudo por conglomerados.

A prevalência de violência em adolescentes utilizada nesta pesquisa foi arbitrada em 50%, em virtude da subnotificação dos casos e escassez de dados precisos ou consensuais sobre esta prevalência na literatura.

Para a representatividade da amostra, além da prevalência total de 50% (P=0,50), foi considerado um intervalo de confiança de 95% (Z=1,96), um erro

máximo de 0,05 ($D=0,05$) e $d_{eff}=1.4$, conforme sugerem Luiz, Maganini (2000), obtendo-se com esses parâmetros um valor de 538 pessoas. Estimando perdas eventuais, aplicou-se o fator de correção de 1,2, obtendo-se desta forma, uma amostra de 714 adolescentes.

4.4 AMOSTRAGEM

A amostragem utilizada no estudo foi do tipo de múltiplos estágios ou uma associação do tipo de amostragem por conglomerados e o tipo de amostragem aleatória simples (PEREIRA, 2006).

Como, no estado de Pernambuco, os assuntos relacionados às escolas da rede de ensino fundamental e médio são geridos através de divisões político-administrativas denominadas Gerências Regionais de Ensino (GRE'S), foi obtida, inicialmente, junto às GRE'S, uma relação de todas as escolas pertencentes à rede pública e à rede privada de ensino da cidade de Recife.

Em Recife, as escolas são divididas em 02 (duas) gerências, a GRE'S Recife Norte, que abrange os bairros da região norte da cidade e a GRE'S Recife sul, os bairros da região sul, representadas no mapa abaixo, respectivamente pelos números 1 e 2.



Figural: Mapa com representação da abrangência das gerências regionais de ensino do Recife

A listagem recebida trazia informações com o nome de todas as escolas, endereços, telefones de contato e o número total de alunos matriculados em cada uma destas escolas, sendo selecionado um quantitativo de 60 escolas da rede pública e 27 da rede privada de ensino na GRE'S Recife Norte (total de 87) e 56 escolas da rede pública e 22 da rede privada na GRE'S Recife Sul (total de 78) que correspondiam ao quadro de escolas de ensino médio, nível de ensino que contempla alunos de ambos os sexos, compreendidos na faixa etária entre 15 e 19 anos, critério de inclusão do estudo.

Para garantir a representatividade no processo de amostragem, foram considerados, além das regiões político – administrativas de gerência escolar, o tamanho das escolas no que se refere ao número de alunos, característica que poderia representar um importante viés de seleção. No entanto, como todas as escolas de Ensino Médio estabelecidas na cidade do Recife contidas na lista oferecida pelas GRE's possuíam um quantitativo maior que 500 alunos este aspecto foi automaticamente controlado.

O cálculo do quantitativo de escolas (unidades amostrais no conglomerado) a serem sorteadas para o estudo obedeceu à aplicação de um coeficiente de proporcionalidade (CP), levando-se em consideração o tamanho da amostra ($n=714$) e a população de alunos ($N=131.081$), ou seja, $CP=n/N$ ($CP=714/131.081= 0,005$). Desta forma, pela aplicação do coeficiente de proporcionalidade se chegou ao número de 36 escolas ($714 \times 0,005= 35,57$) (PINE, PITTS, NUGENT, 1997).

Para a seleção das escolas que iriam participar do estudo, foi atribuído um número de 02 dígitos a cada escola da lista, sendo, em seguida, utilizada uma tabela de números aleatórios (KIRKWOOD, 1988). Quando um número da tabela correspondia ao número alocado para a escola, esta era selecionada.

Conforme o percentual de proporção de alunos por escolas obtidos na listagem para cada GRE'S e calculados a partir da aplicação de uma regra de três simples, foi determinado que 59,74 % das escolas e alunos deveriam representar a GRE'S Recife Norte e 40,06% a GRE'S Recife Sul. Gerando, portanto, um número de 427 alunos a serem sorteados na GRE'S Recife Norte (338 na rede pública e 89 na rede privada) e 287 na GRE'S Recife Sul (232 na rede pública e 55 na rede privada), perfazendo um total de 570 alunos da rede pública de ensino e 144 da rede privada.

Para a definição do número de alunos a serem sorteados por escolas, foi feita a divisão do número de alunos pelo número de escola em cada tipo de rede de ensino. Conforme representado nas tabelas 1 e 2, ficando $144/7=20,57$ (21 alunos por escolas privadas) e $570/29= 19,65$ (20 alunos por escolas públicas).

A tabela 1 apresenta o número de alunos sorteados por GRE'S e rede de ensino.

Tabela 1: Número de alunos sorteados por GRE'S e rede de ensino.

GRE'S	Número de alunos		TOTAL
	Pública	Privada	
Recife Norte	338	89	427
Recife Sul	232	55	287
Total	570	144	714

A tabela 2 apresenta o número de escolas a serem sorteadas por GRE'S e rede de ensino.

Tabela 2: Número de escolas sorteadas por GRE'S e rede de ensino.

GRE'S	Número de escolas		TOTAL
	Pública	Privada	
Recife Norte	17	04	21
Recife Sul	12	03	15
Total	29	07	36

Em escolas com turnos diversificados foi feito o sorteio proporcional entre os turnos da manhã, da tarde e da noite.

Na etapa seguinte, para a seleção dos alunos, foi realizada uma amostragem aleatória simples por sorteio dos alunos nas listas de classe, nas quais constavam todos os adolescentes matriculados em cada escola. Desta forma, todas as escolas e adolescentes tiveram as mesmas chances de serem incluídas no estudo.

4.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Foram incluídos no estudo, adolescentes com faixa etária compreendida entre 15 e 19 anos, de ambos os sexos, presentes na sala de aula no dia da aplicação dos instrumentos de pesquisas que consentiram em participar da pesquisa, com devida autorização dos pais, para os menores de 18 anos.

4.6 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Foram excluídos do estudo os adolescentes que apresentaram, de acordo com informações da direção pedagógica das escolas, distúrbios ou dificuldades que pudessem interferir ou impedir o preenchimento das respostas contidas no questionário de investigação.

4.7 VARIÁVEIS ESTUDADAS

4.7.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

Violência

Para análise desta variável, foi considerado neste estudo o conceito de comportamento agressivo adotado por Lopes Neto (2002), que engloba ações diretas de agressão física e indiretas como agressões emocionais do tipo insultos.

4.7.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Demográficas: gênero, idade (fase da adolescência), cor da pele.

Socioeconômicas: renda familiar, escolaridade.

Localização geográfica: moradia em bairros periféricos, moradia em bairros centrais, próximo a estádios de futebol, próximo a sede de torcidas organizadas.

Vitimação: Violência doméstica.

Relacionamento e interação social: coesão familiar, participação em torcidas organizadas, uso de drogas lícitas/ilícitas.

4.8 COLETA DE DADOS

O trabalho de campo foi desenvolvido em escolas públicas e particulares de Ensino Médio da cidade do Recife, amostradas para este trabalho.

Para os alunos que se dispuseram a participar do estudo, com autorização dos pais ou responsáveis, foi marcada uma data para a realização da aplicação dos instrumentos de coleta de dados de acordo com a disponibilidade no calendário de aulas da escola.

Antes da realização da pesquisa foi realizado um procedimento de validação de faces, no qual um aluno de escola privada e um de escola pública da cidade do Recife responderam o questionário face a face com o pesquisador, com o objetivo de verificar alguma dificuldade de compreensão no instrumento, que também foi aplicado, após a validação de face, em um estudo piloto com 21 alunos de uma escola privada e uma escola pública do Recife, visando testar as variáveis essenciais ao estudo e possíveis ajustes. Não sendo constatada alguma dificuldade que determinasse a necessidade de modificações ou ajustes no questionário.

4.8.1 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada através de três instrumentos: Formulário de Registro de Informações Sócio-econômicas, Questionário de avaliação sobre Comportamento Violento e a Escala de coesão familiar FACES III, unificados em um questionário. No Formulário de Registro de Informações Sócio-demográficas (ANEXO A) foram coletados os dados relacionados às seguintes variáveis: gênero, idade, estado civil, cor da pele e local de moradia. Neste formulário, também foram inseridos os Critérios de Classificação Econômica-Brasil que relaciona posse de bens, renda familiar e escolaridade (ANEP, 2000).

Para a avaliação da coesão familiar foi utilizada a escala FACES III (ANEXO B) que avalia o funcionamento familiar quanto à coesão e flexibilidade. O instrumento para determinação da coesão familiar, a Escala de Avaliação da Coesão e Flexibilidade Familiar, FACES III (*Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales*) é consagrada pela literatura internacional e foi devidamente validada para uso no Brasil (FALCETTO, BUSNELLO, BOZZETTI, 2000).

Desenvolvida em 1986, por Olson, Portner, Lavee, e utilizada por diversos autores como Stroup, Smith (2007), Mylant et al (2002) e Caldas-Junior, Rabello (2007) a escala demonstra existir uma relação linear e positiva entre a coesão e/ou a flexibilidade e os diversos acontecimentos de saúde na estrutura familiar, confirmando que o contexto social familiar seria bastante útil para estes estudos, servindo de importante meio de conduta tanto para com as desordens psicológicas, como também às enfermidades físicas (KOUNESKI, 2000; OLSON, 2000).

No Brasil, o questionário FACES III foi validado por Falcetto, Busnello, Bozzetti (2000) com a finalidade de sua utilização na abordagem psicológica de pacientes que procuravam os serviços primários de atenção à saúde. Composto por 20 perguntas, onde as de número par representam a coesão familiar, e as de número ímpar a flexibilidade familiar.

Neste estudo foram aplicadas apenas as perguntas pares, que representam a coesão familiar, e a aplicação do questionário FACES III foi feita por um único examinador. Aos participantes da pesquisa foi entregue uma escala contendo cinco alternativas (*quase nunca, raramente, às vezes, frequentemente e quase sempre*) e a eles perguntando qual dentre as cinco alternativas utilizariam para iniciar as frases do instrumento FACES III.

Com a finalidade de constatar o grau de coesão familiar, para cada questão foi atribuído os valores de 1 a 5, correspondendo a:

- a. Quase nunca = 1 ponto;
- b. Raramente = 2 pontos;

- c. Às vezes = 3 pontos;
- d. Frequentemente = 4 pontos;
- e. Quase sempre = 5 pontos.

Após o preenchimento do FACES III, se fez necessário somar os pontos obtidos em cada questão, onde o somatório final das questões caracteriza o nível de coesão, obtendo-se assim, o tipo familiar de cada entrevistado, que pode ser classificado como desligada, separada, conectada e aglutinada, definido de acordo com a proximidade emocional ou apego entre os membros da família, sendo o tipo de família desligada o que apresenta o menor grau desta proximidade emocional entre os membros, que vai aumentando seqüencialmente no tipo de família separada e conectada, até se chegar ao maior grau de apego no tipo de família aglutinada (GEHRING, 1993).

Para isso cada questionário foi analisado de acordo com os parâmetros definidos por Olson (2000) segundo a classificação dos valores normativos do FACES III apresentada na tabela 03.

Tabela 03: Classificação dos valores normativos do FACES III

CLASSIFICAÇÃO	Valores (com filhos adultos)	Valores (com filhos adolescentes)	Valores (casais jovens)
COESÃO	Valores	Valores	Valores
Desligada	10-34	10-31	10-36
Separada	35-40	32-37	37-42
Conectada	41-45	38-43	43-46
Aglutinada	46-50	44-50	47-50

Neste modelo, altos e baixos níveis de coesão familiar (aglutinada e desligada) tendem a ocasionar problemas aos indivíduos e à relação familiar. Em contrapartida, famílias que possuam níveis moderados de coesão (separada e conectada) mostram-se capazes de manter o equilíbrio entre o indivíduo e a relação familiar ao longo do tempo (OLSON, 2000).

O Questionário sobre comportamento violento (ANEXO C) utilizado no estudo longitudinal das crianças nascidas em 1993 na cidade de Pelotas da Universidade federal de Pelotas / Faculdade de Medicina (VICTORA et al, 2006), foi adaptado pelos pesquisadores para contemplar questões relacionadas ao futebol e participação em torcidas organizadas e aplicado em estudo piloto com estudantes da escola de ensino médio que funciona nas instalações da FOP.

4.8.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DOS DADOS

Os questionários foram entregues aos alunos para auto-preenchimento estando o pesquisador presente para conduzir e para que o procedimento fosse realizado adequadamente.

4.9 PLANO DE DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

As seções do questionário semi-estruturado utilizado na pesquisa foram pré-codificadas e processadas em microcomputador.

A digitação do banco de dados específico criado no programa SPSS 13.0 foi realizada duas vezes, em épocas e por pessoas diferentes, obtendo-se ao final uma listagem para correção de eventuais erros de digitação, com supervisão do próprio pesquisador, questionário a questionário.

Para verificação de associações entre as variáveis categóricas foram empregados os testes Qui-Quadrado ou exato de Fisher quando necessário. E para as variáveis quantitativas o Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov. Sendo utilizados os Softwares SPSS 13.0 para Windows e o Excel 2003. Todos os testes foram aplicados com um intervalo de 95% de confiança e os resultados estão apresentados em forma de tabela e gráficos com suas respectivas frequências absoluta e relativa.

Para a comparação de valores médios de variáveis foi empregado o Teste de Média: Mann-Whitney (Não Normal) e o Teste de Média (Com mais de 2 grupos):

Kruskal Wallis (Não Normal). Para esses cálculos também foi utilizado o programa SPSS versão 13.0

As variáveis foram agrupadas através do modelo de análise em blocos hierárquicos (Figura 2). Neste modelo, na posição mais distal, fica o bloco considerado como determinante para os demais agrupamentos, que vão sendo organizados, em seguida, conforme o grau de relação que detêm com o desfecho do estudo, a violência (BARBATO, et al, 2007).

Desta forma, ficaram inicialmente as variáveis demográficas, idade (fase da adolescência), cor da pele e gênero, posicionadas ao lado das variáveis socioeconômicas, renda familiar e escolaridade (bloco 1).

Em seguida, no bloco 2, a variável localização geográfica da moradia (proximidade dos estádios de futebol) e vitimação de violência doméstica.

No bloco 3 foram alocadas as variáveis relacionadas aos grupos de relacionamentos e interação social com a participação em torcidas organizadas de times de futebol, coesão familiar e o uso de drogas lícitas/ilícitas.

Para análise deste Modelo foi realizada a Regressão Logística Hierarquizada através do método de entrada.



Figura 2: Modelo de análise hierárquica das variáveis

4.10 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Agamenon Magalhães e só foi implementado após a aprovação deste comitê sob o número de registro 191/08 (ANEXO H).

Para cada Escola foi encaminhada uma Carta de Apresentação (ANEXO D) e solicitada uma Carta de Anuência (ANEXO E), que foi assinada pela direção, em papel timbrado da instituição, consentindo a realização da pesquisa no estabelecimento de ensino. A Secretaria de Educação, Esporte e Lazer da cidade do Recife, autorizou, através de uma Carta de Anuência (ANEXO F), a realização da pesquisa nas escolas da rede municipal de ensino.

Foi distribuída para todos os participantes uma carta explicativa incluindo os objetivos da pesquisa, todos os seus procedimentos, relevância, riscos e benefícios e a autorização dos participantes ou dos seus pais ou responsáveis foi realizada através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, do Ministério da Saúde (ANEXO G).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do total de 714 adolescentes da amostra desta pesquisa, quatro adolescentes não obtiveram a autorização dos pais para a sua participação no estudo, dois, entregaram os questionários sem respostas e um informou ter a idade superior a determinada como máxima pelo critério de inclusão do estudo, totalizando 707 pesquisados.

De acordo com os resultados encontrados, verificou-se que dos 707 adolescentes avaliados, 78,22% eram de escolas da rede pública de ensino e 21,78 % de escolas da rede privada, sendo 48,23% do sexo masculino e 51,63% do feminino, com idade média de 16,52 anos ($\pm 1,233$), variando entre 15 e 19 e em sua maioria solteiros, conforme se observa na tabela 4.

Tabela 4: Características demográficas dos estudantes avaliados

Características demográficas dos estudantes avaliados		
	N	%
Sexo do adolescente		
Masculino	341	48,23
Feminino	365	51,63
Não Respondeu	1	0,14
Total	707	100
Idade do Adolescente (anos)	N	%
15	180	25,46
16	185	26,17
17	181	25,60
18	98	13,86
19	55	7,78
Não Respondeu	8	1,13
Total	707	100
Tipo de Escola do adolescente	N	%
Pública	553	78,22
Privada	154	21,78
Total	707	100
Estado Civil do adolescente	N	%
Casado	6	0,85
Solteiro	695	98,30
Não respondeu	6	0,85
Total	707	100

Esses dados se assemelham aos apresentados por Costa, Ludemir, Avelar (2007) em estudo realizado sobre violência contra adolescentes segundo estratos de condição de vida e sexo, e são corroborados pelas estatísticas de contagem da população (IBGE, 2007) que descreve números, referentes ao sexo da população residente no nordeste, de 51,8% de representantes do sexo feminino e 48,2% de representantes do sexo masculino.

Com relação ao tipo de escola, de acordo com os números do IBGE (2007), a predominância do ensino público, com a participação de 83% dos estudantes brasileiros matriculados na rede formal de ensino, próximo aos números dimensionados neste estudo, demonstra a importância da rede pública de ensino para a população brasileira, principalmente para aqueles com menores recursos financeiros, refletindo a necessidade de se investir na sua infra-estrutura. Estes números chegam a 89%, quando relacionados especificamente às matrículas na rede de ensino médio no nordeste do país.

Quanto a cor da pele, o gráfico 1 demonstra que o maior percentual da população dos estudantes recifense pesquisados é de cor de pele parda.

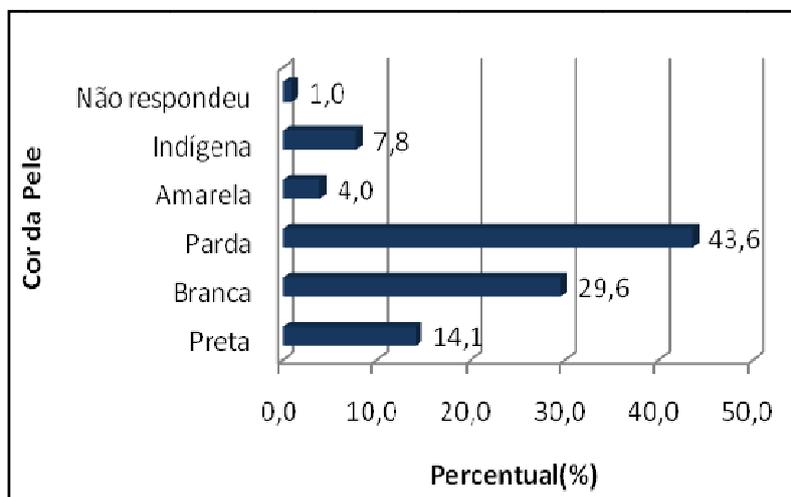


Gráfico 1: Cor da pele declarada pelos adolescentes pesquisados

Estes números correspondem com as estatísticas do IBGE de contagem da população (2007) que revela que no estado de Pernambuco as populações parda, preta e indígena, juntas, representam de 54,1 a 65% do total da população e dá como percentual

específico para o tipo de cor de pele Parda na cidade do Recife de 42,6% do total da população.

Os números de participação da população de pretos no presente estudo são maiores que os 7,4% encontrados na contagem do IBGE e indicam a confirmação da tendência apresentada pelo próprio instituto, de aumento da população que se reconhece como de cor de pele preta, em todas as regiões do país. Provavelmente em função da participação dos movimentos de valorização da cultura afro-descendente e do aumento dos debates sobre discriminação racial nas escolas e nos meios de comunicação.

Já no que se refere às características de trabalho, renda do responsável pela família, renda do adolescente e classificação socioeconômica da família, os gráficos a seguir revelam importantes resultados.

No gráfico 2, verificam-se dados relacionados à classificação socioeconômica dos adolescentes pesquisados, sendo possível perceber que a maioria se encontra na classe socioeconômica “C”, com 54,5% dos casos.

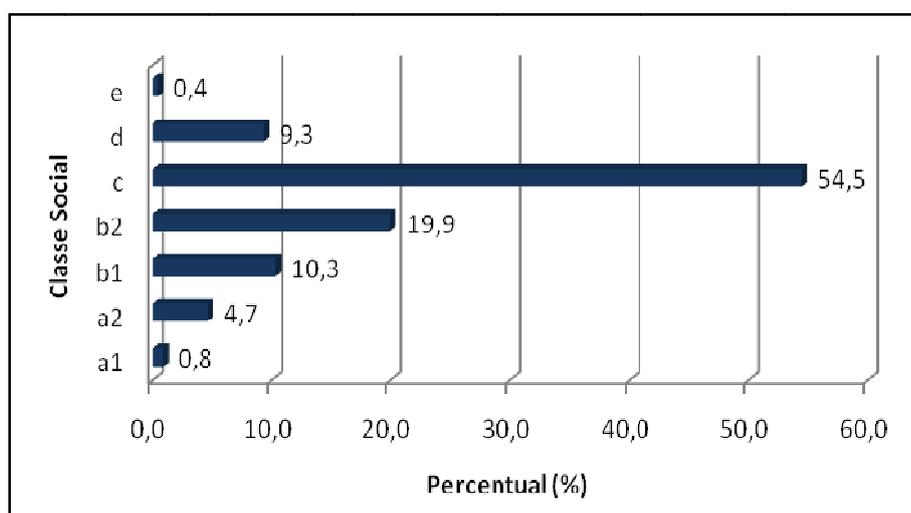
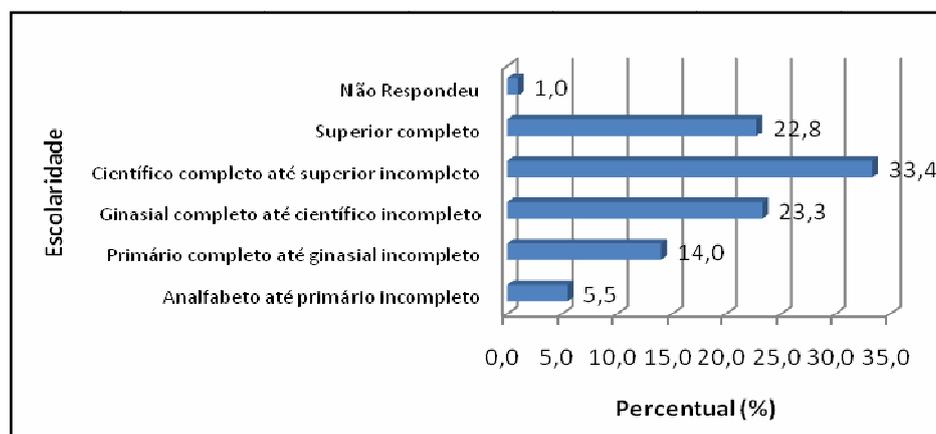


Gráfico 2: Classificação socioeconômica dos adolescentes pesquisados

Estes resultados descritos no gráfico 2 revelam a mesma tendência dos números encontrados pelo levantamento sócio-econômico feito pelo IBOPE (2000) sobre a população do Recife, com percentuais encontrados de 1% e 5% para as classes A1 e A2, e 27%, 42% e 14% para as classes C, D e E, respectivamente (ANEP, 2000).

Os gráficos 3 e 4 apresentam dados relacionados ao grau de instrução e percentual de ocupação dos responsáveis pelos adolescentes pesquisados.

No gráfico 3 se observa que apenas 22,8% dos responsáveis pelos adolescentes



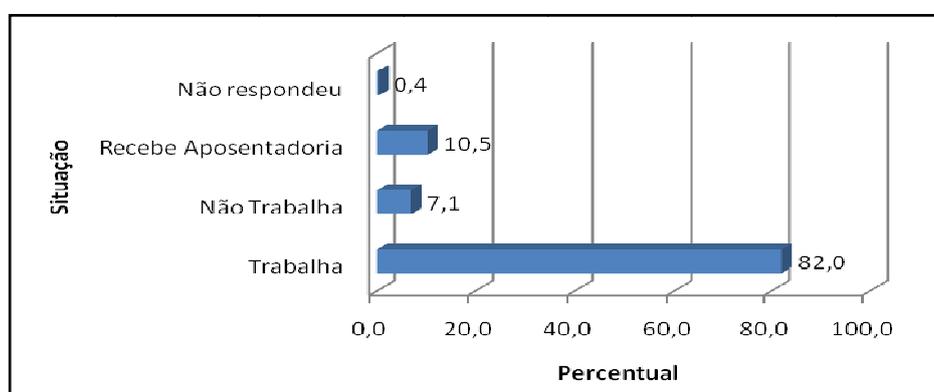
têm nível de escolarização superior completo.

Gráfico 3: Grau de Instrução do Responsável pelo adolescente

De acordo com dados do Departamento de Análise de Situação e Saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 2005), o quadro de extrema desigualdade existente na sociedade brasileira tem estreita relação com a falta de oportunidade de acesso de uma representativa parte da população a educação, principalmente a uma educação de boa qualidade, e isto ameaça fortemente a realização do potencial dos jovens e determina conseqüências negativas ao seu desenvolvimento físico e intelectual, principalmente as crianças e adolescentes, população em foco neste estudo.

Galindo e colaboradores (2005) realizaram um estudo com crianças de 6 a 12 anos em comunidade da periferia do Recife e descreveram que um percentual de 19,5% dos responsáveis pelas crianças não sabia ler ou escrever, 7,0% nunca estudaram no sistema formal de educação e aproximadamente um terço tinha entre um a quatro anos de escolaridade.

O gráfico 4 indica o percentual de ocupação dos responsáveis pelos adolescentes

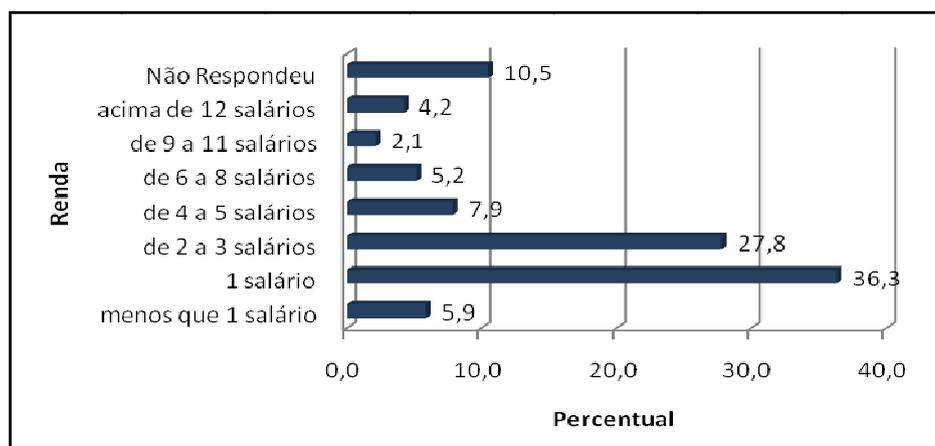


deste estudo, com um percentual de 7,1% de indivíduos sem ocupação.

Gráfico 4: Situação trabalhista dos responsáveis pelos adolescentes

De acordo com dados do IBGE (2007) o nordeste apresenta níveis de desocupação de 8,2%, muito próximos aos encontrados no presente estudo. Traçando um paralelo entre o nível de ocupação da população economicamente ativa e o grau de escolarização, os dados demonstram uma relação direta entre nível de ocupação e anos de estudos. Enquanto que Galindo e colaboradores (2005) demonstraram que dos 19,5% das pessoas entrevistadas em seu estudo que não sabiam ler e escrever, cerca de 20% afirmaram que o sustento da sua família era garantido por parentes, caracterizando a explícita relação entre escolarização e ocupação profissional.

O Gráfico 5 apresenta dados referentes a faixa de renda do responsável pelo adolescente avaliado nesta pesquisa onde é possível perceber que 36,3% recebe até 01



salário mínimo por mês e 27,8% até 03 salários.

Gráfico 5: Renda do responsável pela família dos adolescentes pesquisados

A média da renda dos responsáveis pelos adolescentes neste estudo foi de 2,69 (+2,93) salários mínimos e no gráfico 5 é possível verificar as faixas de renda salarial dos responsáveis pelos adolescentes, onde 5,9 % recebem menos que um salário mínimo, 36,3% recebem até 01 salário mínimo de renda mensal e 27,8% até 03

salários, perfazendo juntos, um total de cerca de 70% dos casos. Esses números podem ser comparados aos do estudo realizado por Galindo e colaboradores (2005), no qual se observou que cerca de 80% dos responsáveis pelas famílias dos entrevistados recebiam até dois salários mínimos.

Na síntese de indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (IBGE, 2007), observa-se que a região nordeste apresenta o maior percentual de parcela da população entre as regiões, recebendo até 01 salário mínimo mensal, com um registro de um percentual de 25% do total da população.

A tabela 5 apresenta dados relacionados a comparação das médias de renda e o grau de instrução dos responsáveis pelos adolescentes. Conforme se observa, há uma tendência de aumento na renda a medida que o grau de instrução aumenta. Sendo a diferença encontrada entre os estratos estatisticamente significativa.

Tabela 5: Grau de instrução dos responsáveis pelos adolescentes e renda.

Grau de Instrução do pai	Renda		Valor de P
	Média	Desvio-Padrão	
Analfabeto até primário incompleto	1,16	1,62	
Primário completo até ginásial incompleto	1,55	1,71	
Ginásial completo até científico incompleto	1,81	1,75	P<0,001*
Científico completo até superior incompleto	2,77	2,70	
Superior completo	4,65	3,96	

*Teste Kruskal wallis

Corroborando os achados deste estudo, dados do IBGE (2007) revelam que a Região Nordeste registra um elevado percentual (16,8 %) de pessoas ocupadas que sequer completou um ano de estudo e, conseqüentemente, apresentam um menor patamar de renda.

Os números da síntese de indicadores do IBGE (2007) indicam que cargos melhores remunerados e com estabilidade garantida, como por exemplo, militares e funcionários públicos estatutários, exigem níveis mais elevados de escolarização. Esses cargos representavam em 2007 apenas 6,2% da população de ocupados, enquanto que ocupações em setores como o agrícola, o de serviços e o comércio, com menor nível de

exigência quanto a escolarização e que apresentam menor nível de estabilidade e salário, representavam cerca de 80% dos ocupados.

A tabela 6 apresenta dados relacionados ao percentual de ocupação dos adolescentes pesquisados, onde se percebe que dos 9,48% que declararam trabalhar a maioria afirma receber como rendimentos do seu trabalho, menos que 01 salário mínimo mensal.

Tabela 6: Percentual de ocupação dos adolescentes pesquisados.

Características sociais dos estudantes avaliados		
Variável	N	%
Situação ocupacional do adolescente		
Trabalha	67	9,48
Não Trabalha	633	89,53
Não Respondeu	7	0,99
Total	707	100
Renda do Adolescente que trabalha		
Menor que 1 salário mínimo	50	74,63
1 Salário Mínimo	7	10,45
Não respondeu	10	14,93
Total	707	100

De acordo com dados do IBGE (2007), apesar dos efeitos positivos das políticas e das ações implementadas visando reduzir o trabalho na infância e adolescência no Brasil, ainda persiste no país um elevado contingente trabalhando, como indicam os resultados do atual estudo. E Kanh (2001) chama atenção para o fato de que boa parcela dos adolescentes deixa de estudar por ter de trabalhar para colaborar ou mesmo para garantir o sustento familiar.

Dados do IBGE (2007) demonstram que do total de crianças e adolescentes trabalhadores no Brasil em 2007, aproximadamente 19,8% moravam em domicílios

cujo rendimento médio mensal domiciliar per capita era menor que um quarto do salário mínimo. Na Região Nordeste, a proporção de crianças e adolescentes trabalhadores, residindo em domicílios desta classe de rendimento, foi de 37,4%, descrevendo uma relação entre renda da família e trabalho adolescente, conforme acontece no presente estudo.

Ainda segundo o mesmo estudo, no grupo dos que trabalhavam e tinham 16 ou 17 anos de idade, os não-remunerados representavam pouco mais de um quinto (21,3%) e 10,9% ganhavam menos de um quarto do salário mínimo, sendo encontrado na Região Nordeste o percentual mais baixo do total de crianças e adolescentes, nessa faixa etária, ocupados com carteira de trabalho assinada, 1,8%.

De acordo com dados da pesquisa sobre trabalho infanto-juvenil, realizada pelo IBGE (2005), as crianças e os adolescentes que trabalham apresentam níveis menores de escolarização do que os que não trabalham. A taxa de escolarização das pessoas de 5 a 17 anos que trabalham atinge 80,3% contra 91,1% entre os que não trabalham.

A tabela 7 apresenta resultados referentes ao cruzamento de dados entre cor da pele e Situação ocupacional do Adolescente. Conforme se observa, os adolescentes com cor de pele do tipo parda, amarela e preta demonstram percentuais maiores de ocupação com diferença estatisticamente significativa entre os estratos.

Tabela 7: Cruzamento de dados entre cor da pele e se o adolescente trabalha.

Cor da pele	Situação ocupacional do Adolescente				Valor de P
	Sim		Não		
	N	%	n	%	
Preta	10	10,10	89	89,90	P=0,016*
Branca	9	4,35	198	95,65	
Parda	41	13,44	264	86,56	
Amarela	3	10,71	25	89,29	
Indígena	4	7,27	51	92,73	

*Teste de Qui-quadrado de Pearson

Henriques (2001) comentando a desigualdade expressa nas condições de trabalho no País chama a atenção para a questão racial, ao informar que 20% de crianças e adolescentes negros, no ano de 1999, participavam do mercado de trabalho no Brasil em relação a 13% de brancos dessa faixa etária. Sendo, também, as opções de emprego mais limitadas para os jovens negros e as taxas de desempregos nesse grupo mais elevadas que as encontradas entre jovens de cor da pele branca.

Como resultado das desigualdades sociais existentes no Brasil, e em particular nas regiões metropolitanas e capitais, autores como Minayo (1994), Reichenheim, Werneck (1994), Souza (2005), Mello Jorge, Latorre (1994), Szwarcwald, Castilho (1998), Akerman (2000) e Macedo et al (2002) apontam que os jovens, principalmente negros e moradores da periferia, são levados às ruas em busca da sua própria sobrevivência e por vezes de sua família, expondo-se a vários tipos de risco, dentre eles a violência.

No entanto, de acordo com Brasil (2005) é digno de se destacar que os percentuais de crianças e adolescentes que trabalham vêm diminuindo. Em 1992, havia 20,4% entre os mais novos (10 a 14 anos) e 47% entre os adolescentes de 15 a 17 anos. Em 2001, esses percentuais caíram para 11,6% e 31,5%, respectivamente. Isso reflete o investimento de políticas públicas para a oferta de bolsas visando ao ingresso e à permanência na escola, destacando-se o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) que no ano de 2001 atendeu a 749.353 crianças e adolescente. Todavia, conforme ressalta Henriques (2001), esse decréscimo é desigual na população e a velocidade da redução do trabalho infantil foi maior entre brancos.

Quanto ao local de moradia dos adolescentes, percebe-se no gráfico 6, que, de acordo com a classificação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do bairro (BITOUN, 2008), a maioria dos participantes do estudo moram em local com IDH baixo e muito baixo, e há um equilíbrio entre estes e os locais de moradia com índices médios e altos e muito altos de IDH.

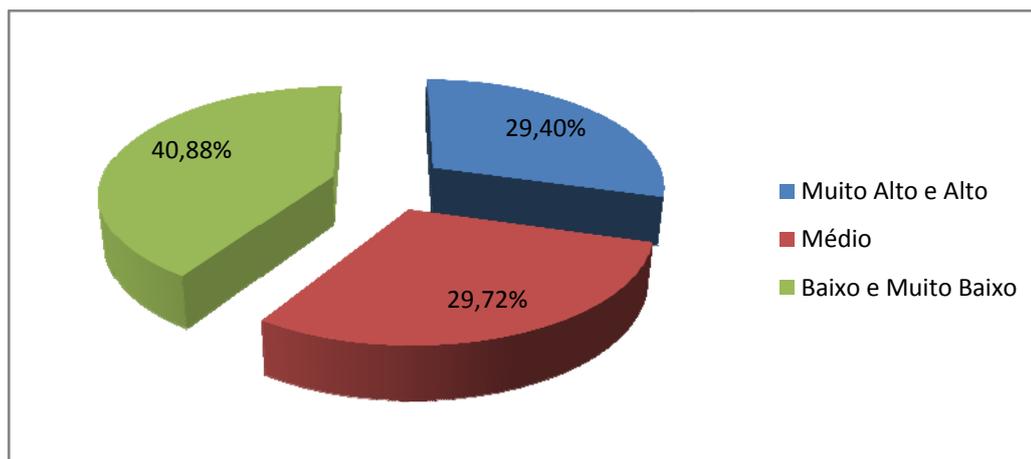


Gráfico 6: Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do bairro dos adolescentes pesquisados.

Levando-se em consideração o IDH, Bitoun (2008) afirma que a cidade do Recife ocupa uma posição de destaque na região nordeste junto com outras cidades como Salvador e Fortaleza. No entanto, quando comparados estes índices com grandes metrópoles do sul do país, a capital pernambucana apenas ocupa uma posição mediana. O Índice (IDH) torna público indicadores e estudos enfocando diversos aspectos da problemática do desenvolvimento, tais como desigualdade (entre homens e mulheres, entre regiões de um mesmo país, entre segmentos sociais, etc); questões relacionadas a infra-estrutura, a direitos humanos, a liberdades, a políticas públicas e a vários componentes da vida financeira, econômica e social dos bairros, cidades, estados e nações.

Desta forma, um fato que chama a atenção é que, semelhante ao que acontece em outras cidades do Brasil, percebe-se no Recife que em um mesmo bairro podem ser verificados estratos com índices altos e muito altos de desenvolvimento humano e índices médios, baixos e até muito baixos. O que revela que o valor do Índice representa muito mais que uma simples relação com crescimento econômico, que é apenas um meio de alargar as escolhas das pessoas, tanto que, picos de crescimento econômicos observados em determinadas localidades, muitas vezes não se convertem em desenvolvimento (BITOUN, 2008).

Quanto aos resultados diretamente relacionados com o comportamento violento dos adolescentes, variável dependente do estudo, foram constatados os seguintes dados (tabela 8).

Tabela 8: Comportamento violento dos estudantes avaliados.

	Comportamento violento do adolescente					
	Sim		Não		Não Respondeu	
	N	%	N	%	N	%
Insultou ou Xingou alguém	445	62,94	249	35,22	13	1,84
Envolvimento em brigas	220	31,12	482	68,18	5	0,70
Na briga alguém se machucou	94	42,73	126	57,27	-	-
Na briga usou algum tipo de arma	12	5,45	208	94,55	-	-
Arma de fogo	4	33,33	8	66,67	-	-
Faca ou Canivete	4	33,33	8	66,67	-	-
Pedra	7	58,33	5	41,67	-	-
Corrente	0	0	12	100,00	-	-
Pau ou Ferro	6	50,00	6	50,00	-	-
Garrafa	4	33,33	8	66,67	-	-
Soqueira	1	8,33	11	91,67	-	-

De acordo com o observado na tabela 8, a maioria dos pesquisados declarou ter insultado ou xingado alguém nos últimos meses, com uma prevalência de 62,94% dos casos. Quanto ao envolvimento em brigas, a prevalência foi de 31,12%. Destes adolescentes que declararam envolvimento em eventos de brigas, 42,73% se machucaram neste evento e 5,45% usaram algum tipo de arma. Dos adolescentes que declararam ter usado algum tipo de arma, 58,33% (n=7) relatou ter usado pedra, 50% (n=6), pedaço de pau ou de ferro, ficando arma de fogo, faca ou canivete e garrafa, todas, com 33,33% (n=4), do total apresentado e soqueira com 8,33% (n=1).

Analisar dados relacionados a comportamento violento depende certo grau de complexidade. Isto parece ser ainda mais enfático quando relacionamos especificamente dados sobre prevalência de comportamento violento envolvendo adolescentes, já que na literatura normalmente são encontrados díspares resultados relacionados a diferentes fatores como, gênero, vitimação e agressão, mortalidade, morbidade, causas externas, violência doméstica, violência nas relações íntimas, violência física, violência sexual, violência psicológica, entre outros.

Alinhando-se aos achados do presente estudo no que se refere ao alto índice de comportamento violento apresentado pelos adolescentes, pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Proteção à Infância envolvendo alunos de Ensino Fundamental em escolas do Rio de Janeiro, revela o envolvimento de 40,5% destes alunos em prática de atos violentos (BRASIL, 2005). Cárdua (1999) apresenta dados, referindo 17% de adolescentes e jovens vítimas de agressões verbais na escola, enquanto Kahn (2001) constatou que 70% dos estudantes investigados por ele, em escolas da cidade de São Paulo, foram vítimas de algum ato de incivilidade e Jalon (2005), apontou valores entre 10% e 20% para adolescentes que na escola se reconhecem como vítimas de violência e, entre 4% e 10%, para os que se reconhecem como agressores.

Esta falta de regularidade nos números nos dá a dimensão da complexidade do tema e de porque a violência é percebida por autores como Minayo (1994) como um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade. Portanto, para entendê-la, é necessário investigar a sua especificidade histórica.

Desta forma, cruzando-se dados relativos ao comportamento violento dos adolescentes com variáveis sociodemográficas, percebe-se uma associação entre o comportamento violento apresentado pelos adolescentes e algumas destas características, como sexo, cor da pele, tipo de escola, idade e IDH do bairro de moradia do adolescente, conforme se observa na tabela 9.

Tabela 9: Relação entre dados sociodemográficos e comportamento violento dos adolescentes.

Variável	Insultou ou xingou				Valor de P	Envolvimento em brigas				Valor de P
	Sim		Não			Sim		Não		
	N	%	N	%		n	%	n	%	
Tipo de Escola do adolescente										
Pública	318	58,90	222	41,10	<0,001*	162	29,60	386	70,40	0,069*
Privada	127	82,50	27	17,50		58	37,70	96	62,30	
Sexo										

Masculino	229	68,60	105	31,40	0,026*	125	36,90	219	63,10	0,003*
Feminino	216	60,20	143	39,80		95	26,20	267	73,80	
Cor da Pele do adolescente										
Preta	51	51,50	48	48,50	0,010**	23	23,00	77	77,00	0,121**
Branca	148	71,50	59	28,50		74	35,40	135	64,60	
Parda	196	65,10	105	34,90		97	31,80	208	68,20	
Amarela	17	63,00	10	37,00		5	18,50	22	81,50	
Indígena	30	56,60	23	43,40		19	35,020	35	64,80	
Estado Civil do adolescente										
Casado	3	50,00	3	50,00	0,672***	3	50,00	3	50,00	0,382***
Solteiro	439	64,40	243	35,60		214	31,00	476	69,00	
IDH do bairro de moradia										
Muito alto	55	74,30	19	25,70	0,027**	20	27,00	54	73,00	0,003**
Alto	74	66,10	38	33,90		24	21,40	88	78,60	
Médio	130	69,90	56	30,10		79	42,20	108	57,80	
Baixo	128	57,10	96	42,90		70	30,30	161	69,70	
Muito baixo	18	62,10	11	37,90		11	37,90	18	62,10	
Idade do Adolescente										
Média	16,40		16,71		0,002****	16,42		16,57		0,176****
Desvio-Padrão	1,20		1,27			1,20		1,24		

*Teste de Qui-Quadrado com correção de Yates ** Teste de Qui-quadrado de Pearson ***Teste Exato de Fisher ****Teste de Mann-Whitney

Assis, Souza (1999) na tentativa de explicar o comportamento violento em adolescentes abordam diferentes níveis de conceitualização que exercem influência na formação do adolescente, dentre eles, o nível estrutural, que incorpora as condições sociais, como renda e local de moradia. Krug e colaboradores (2002) também explicam a violência através de uma abordagem relacionada a níveis, dos quais dois podem ser destacados: o nível relacional que é determinado pelas características da comunidade onde os indivíduos residem e o nível social, que inclui aspectos sócio-demográficas como urbanização desordenada e desigualdade de renda. E autores como Souza, Minayo (1994), Reichenheim, Werneck (1994), Mello Jorge, Latorre (1994), Szwarcwald, Castilho (1998), Akerman (2000) e Macedo et al (2002) apontam os jovens, do sexo masculino e moradores da periferia, como os que mais se envolvem em episódios de

violência no Brasil. Confirmando os dados encontrados na atual pesquisa, onde o sexo masculino e os bairros com IDH médio, baixos e muitos baixos se apresentaram, de forma significativa, associadas ao comportamento violento dos adolescentes avaliados.

Rocha (2003) apresenta dados que indicam que em 1999 havia 45,9% dos brasileiros de 10 a 14 anos e 37,5% dos adolescentes de 15 a 19 anos vivendo em situação de pobreza e, portanto, mais expostos a situações de violência. Cárdua (1999) demonstrou a convivência das escolas com a violência, seja dos próprios estudantes seja a social. E Minayo et al (1999) consideram que no ambiente escolar se desenvolve uma cultura de violência intimamente relacionada a valores machistas da sociedade brasileira.

Ainda de acordo com os resultados encontrados, foram identificadas associações entre comportamento violento e a variável classe socioeconômica e comportamento violento e o grau de instrução e a faixa de renda dos responsáveis pelos adolescentes.

Conforme observado na tabela 10, as classes socioeconômicas mais altas apresentaram maiores percentuais de envolvimento em brigas que as classes intermediárias, enquanto que o mais baixo estrato de classe, a E, apresentou o maior percentual deste tipo de comportamento.

A faixa de renda dos responsáveis também se apresentou como fator de risco para o comportamento violento dos adolescentes, sendo a faixa mais baixa, menos que um salário mínimo, e a mais alta, acima de doze salários mínimos, as que demonstraram o maior percentual de apresentação de comportamento violento nos adolescentes.

Tabela 10: Relação entre classe socioeconômica e comportamento violento dos adolescentes.

Variável	Insultou e Xingou	Envolvimento em Brigas
----------	-------------------	------------------------

	Sim		Não		Valor de P	Sim		Não		Valor de P
	n	%	n	%		N	%	n	%	
Classe Socioeconômica										
A1	5	83,30	1	16,70		2	33,33	4	66,67	
A2	29	87,90	4	12,10		17	51,52	16	48,48	
B1	56	77,80	16	22,20		28	38,89	44	61,11	
B2	93	66,90	46	33,10	<0,001*	50	35,46	91	64,54	0,013**
C	229	60,60	149	39,40		106	27,82	275	72,18	
D	33	52,40	30	47,60		15	22,73	51	77,27	
E	0	0,00	3	100,00		2	66,67	1	33,33	
Grau de Instrução do responsável										
Analfabeto até primário incompleto	15	42,90	20	57,10		8	20,51	31	79,49	
Primário completo até ginásial incompleto	59	60,80	38	39,20		27	27,27	72	72,73	
Ginásial completo até científico incompleto	101	62,30	61	37,70	0,002*	48	29,63	114	70,37	0,328*
Científico completo até superior incompleto	147	62,80	87	37,20		79	33,76	155	66,24	
Superior completo	120	75,50	39	24,50		56	34,78	105	65,22	
Faixa de Renda do Responsável										
Menos que 1 salário	22	55,00	18	45,00		16	39,02	25	60,98	
1 salário	140	56,00	110	44,00		67	26,17	189	73,83	
de 2 a 3 salários	132	67,30	64	32,70		65	33,51	129	66,49	
de 4 a 5 salários	39	70,90	16	29,10	<0,001*	20	35,71	36	64,29	0,104*
de 6 a 8 salários	30	81,10	7	18,90		14	37,84	23	62,16	
de 9 a 11 salários	13	86,70	2	13,30		5	33,33	10	66,67	
Mais que 12 salários	26	89,7	3	10,3		15	50	15	50	

*Teste de Qui-quadrado de Pearson ** Teste Exato de Fisher

De acordo com Vieira e Siqueira (2008), a explicação da violência humana também passa pelo entendimento sobre fatores relacionados a história de vida das pessoas. No debate estabelecido sobre o tema da violência no Brasil, nos últimos anos, autores como Krug e colaboradores (2002) acompanham uma tendência internacional de perceber que a violência juvenil não pode ser compreendida isoladamente e, neste sentido, indicam vários comportamentos e diversas situações de risco a ela relacionadas, e, dentre eles, o cultivo da masculinidade violenta recebe importante destaque.

Silva; Guerresi (2003) em estudo sobre o perfil dos internados em instituições correcionais existentes no País observaram que a maioria era do sexo masculino e de classes socioeconômicas mais baixas. No entanto, Minayo (1994; 2003; 2005) estabelecendo um esforço para não reduzir o tema da violência apenas ao universo da

delinqüência, relaciona aspectos estruturais, como as condições socioeconômicas dos indivíduos, e culturais, como a esperada agressividade masculina, como possíveis causas para o problema.

Confirmando os resultados do presente estudo que indicam que os adolescentes cujos responsáveis apresentam maiores níveis de escolarização e de renda declararam ter comportamento violento maior que os demais adolescentes com menores níveis de escolarização e de renda, Minayo (1994) afirma que alguns estudos como o de Denisov (1986), indicam que não são as regiões mais miseráveis do país aquelas que concentram maior índice de violência, pois essa pode partir de qualquer um, de qualquer classe social e contra qualquer indivíduo. E Carvalho (1985) afirma que pode se encontrar entre os jovens envolvidos em atos de violência e de incivilidades, representantes tanto das classes menos favorecidas quanto das classes mais altas e privilegiadas da sociedade. Isto sugere a importância de estudar o tema da violência através da observação de outros fatores além dos que estejam relacionados aos aspectos socioeconômicos.

A tabela 11 apresenta a relação entre consumo de drogas lícitas e ilícitas e participação em torcidas organizadas de times de futebol com o comportamento violento dos adolescentes.

Tabela 11: Relação entre consumo de drogas lícitas e ilícitas e participação em torcidas organizadas com o comportamento violento dos adolescentes.

Variável	Insultou ou Xingou					Envolvimento em Brigas				
	Sim		Não		Valor de P	Sim		Não		Valor de P
	N	%	N	%		n	%	N	%	
Consumo Drogas Ilícitas										
Sim	63	75,90	20	24,10	0,024*	44	52,40	40	47,60	<0,001*
Não	382	62,50	229	37,50		176	28,50	442	71,50	
Consumo Bebida alcoólica										
Sim	179	72,80	67	27,20	<0,001*	99	39,80	159	60,20	<0,001*
Não	258	58,90	180	41,10		116	26,20	327	73,80	
Consumo Cigarro										
Sim	16	69,60	7	30,40	0,721*	11	47,80	12	52,20	0,124*
Não	419	63,70	239	36,30		203	30,50	463	69,50	
Integrante de Torcida Organizada										

Sim	37	75,50	12	24,50	0,304*	29	56,90	22	43,10	<0,001*
Não	309	67,20	151	32,80		142	30,50	323	69,50	

*Teste Qui-quadrado com correção de Yates

Pinton et al (2002) e Vieira et al (2008) consideram fundamental para a compreensão do problema da violência estudar o consumo de drogas lícitas e drogas ilícitas. E Córdia (1999) apresenta dados que demonstram a relação entre violência e consumo de drogas por jovens estudantes.

Corroborando os achados deste estudo, Carlini et al (2002) apresenta números do I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas no Brasil feitos pelo Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) que apontam que 52% dos casos de violência investigados neste centro estavam ligados ao consumo de álcool. Melo e colaboradores (2005) associam delitos de médio e baixo potencial ofensivo à ingestão de álcool nos finais de semana em situações de lazer familiar. Estes autores também chamam a atenção para o fato de o uso de bebidas alcoólicas contribuir para aumentar a possibilidade de violência na comunidade e destacam a influência que as pressões socioeconômicas podem exercer sobre as pessoas, conduzindo-as as bebidas como uma forma de alívio dos problemas.

No entanto, enquanto especialistas concordam que drogas e álcool freqüentemente têm papel importante nas atividades violentas, seu papel específico, neste processo, não está claro, principalmente em função da dificuldade de determiná-lo com precisão (OPAS, 1993, 1994; Yunes & Rajs, 1994). Para Melo e colaboradores (2005), apesar de existirem evidências empíricas favoráveis, há muita incerteza quanto às explicações causais entre consumo de drogas lícitas e ilícitas e comportamento violento dos usuários. E uma questão que não estaria suficientemente explicada é se a presença de álcool ou drogas nos eventos violentos permite inferir que elas tenham afetado o comportamento das pessoas envolvidas. Desta forma, não seria possível determinar se essas pessoas em estado de abstinência não teriam cometido as mesmas transgressões. O que é possível inferir nestas situações é a alta proporção de atos violentos quando o álcool ou as drogas estão presentes entre os agressores e vítimas, ou em ambas as partes de eventos de violência (MINAYO; DESLANDES, 1998).

Vieira, Siqueira (2008) em pesquisa sobre violência nos estádios de futebol, apontam como primeira observação do estudo que realizaram a carência de referências relacionadas ao problema, para o qual, apesar de ter importante papel, o envolvimento das torcidas organizadas também é pouco avaliado. No entanto, analisando o discurso de autores como Barros (1990), Pimenta (1997), Reis (2000; 2003), Toledo (1994; 1996), Pils (2005) e Cunha (2007), afirmam ser possível perceber que as torcidas organizadas são apontadas como componentes fundamentais para a determinação dos eventos de violência nos estádios de futebol, sendo os participantes destas torcidas, na sua maioria, jovens.

Tabela 12: Relação entre Coesão e fatores familiares e comportamento violento dos adolescentes.

Variável	Insultou ou Xingou				Valor de P	Envolvimento em Brigas				Valor de P
	Sim		Não			Sim		Não		
	N	%	N	%		n	%	N	%	
Relação com o pai										
Ótima	142	59,20	98	40,80	0,044*	67	27,57	176	72,43	0,141*
Muito boa	81	68,60	37	31,40		42	35,90	75	64,1	
Boa	101	63,90	57	36,10		47	29,19	114	70,81	
Regular	82	75,20	27	24,80		44	40,00	66	60	
Ruim	32	60,40	21	39,60		16	30,19	37	69,81	
Relação com a Mãe										
Ótima	255	61,30	161	38,70	0,027*	117	27,86	303	72,14	0,010*
Muito boa	80	63,50	46	36,50		41	32,03	87	67,97	
Boa	66	70,20	28	29,80		35	36,46	61	63,54	
Regular	32	78,00	9	22,00		22	53,66	19	46,34	
Ruim	12	92,30	1	7,70		5	38,46	8	61,54	
Relação entre os pais										
Ótima	118	61,50	74	38,50	0,746*	61	31,12	135	68,88	0,396*
Muito boa	77	63,60	44	36,40		38	31,4	83	68,6	
Boa	102	67,50	49	32,50		54	35,53	98	64,47	
Regular	92	67,20	45	32,08		35	25,18	104	74,82	
Ruim	42	62,70	25	37,30		23	34,85	43	65,15	
Apanhou dos pais										
Sim	381	65,80	198	34,20	0,058**	188	32,08	398	67,92	0,357**
Não	62	55,90	49	44,10		31	27,68	81	72,32	
Número de vezes que apanhou dos pais										
Nenhuma	353	65,50	186	34,50	0,825*	159	29,12	387	70,88	0,015*
1 ou 2 vezes	50	60,20	33	39,80		34	40,48	50	59,52	

3 a 5 vezes	13	65,00	7	35,00		9	45	11	55	
6 vezes ou mais	14	66,70	7	33,30		11	52,38	10	47,62	
Brigas na família										
Muito	61	77,20	18	22,80	0,021**	38	47,5	42	52,5	0,002**
Pouco	372	63,30	216	36,70		177	29,85	416	70,15	
Pais separados										
Sim	175	61,80	108	38,20	0,163**	92	32,06	195	67,94	0,968**
Não	258	67,40	125	32,60		122	31,61	264	68,39	
Coesão Familiar										
Aglutinada e Desligada	173	68,10	81	31,90	0,122**	90	34,88	168	65,12	0,150**
Separada e Conectada	272	62,00	167	38,00		130	29,35	313	70,65	

*Teste de Qui-quadrado de Pearson

**Teste de Qui-Quadrado com correção de Yates

Analisando a relação entre a variável comportamento violento e fatores familiares dos adolescentes, é possível perceber na tabela 12 que houve associação entre a variável relacionamento com a mãe e com o pai com o comportamento violento dos adolescentes, assim como entre as variáveis número de vezes que o adolescente apanhou no último mês e brigas na família com o comportamento violento encontrado.

De acordo com os achados deste estudo, ainda se observa que os adolescentes com piores níveis de relacionamento com a mãe apresentaram maiores percentuais de comportamento violento que os adolescentes com melhores níveis e os adolescentes com o melhor nível de relacionamento com o pai (ótimo) apresentaram menor nível de comportamento violento que os adolescentes encontrados nos outros níveis de relacionamento com o pai.

O número de vezes que o adolescente apanhou dos pais no último mês demonstrou uma tendência crescente de casos de comportamento violento entre os adolescentes. E os adolescentes que declararam que suas famílias brigam muito apresentaram um percentual de comportamento violento significativamente maior que os adolescentes que declararam que suas famílias brigam pouco.

Corroborando estes achados, Pelisoli, Dellaglio (2007) aponta autores como Falcão (2006), Gold et al (2004), Negreiros, Féres-Carneiro (2004) e Teodoro (2006) que refletem diferentes formas para investigar aspectos relacionados a fatores familiares, tais como conflitos e afetividade. A afetividade e o conflito existente dentro da família são duas dimensões que se correlacionam negativamente no contexto das

díades familiares: pai/mãe, pai/filho e mãe/filho. A afetividade é descrita por Teodoro (2006) como um conjunto de sentimentos positivos existentes entre as pessoas e, por sua vez, o conflito, como uma gama de sentimentos que podem ser uma fonte geradora de estresse, desequilíbrio e agressividade dentro do sistema familiar

De Antoni, Koller (2000) e Zdanowicz, Janne, Reynaert (2004) destacam como fundamental para compreender os indivíduos, os laços emocionais e o funcionamento de suas famílias. Consistente com o que se observa no presente estudo através da associação encontrada entre brigas na família e envolvimento dos adolescentes em brigas.

Levando-se em consideração a variável consumo de drogas lícitas e ilícitas, a tabela 13 revela que 3,3% dos adolescentes da amostra declararam consumir cigarros, 35% consumir bebidas alcoólicas e 12% drogas ilícitas.

Tabela 13: Consumo de drogas lícitas e ilícitas

Variável	Consumo de drogas lícitas e ilícitas			
	Sim		Não	
	N	%	n	%
Consome Cigarro	23	3,3	670	94,8
Consome bebida alcoólica	250	35,9	446	64,1
Consumo de Cachaça	63	25,1	188	74,9
Consumo de Cerveja	199	79,3	52	20,7
Consumo de Vodca	135	53,8	116	46,2
Consumo de Uísque	90	35,9	161	64,1
Consumo de drogas ilícitas	85	12,0	622	88,0
Consumo de Maconha	27	31,8	58	68,2
Consumo de Cola	6	7,1	79	92,9
Consumo de Solvente	6	7,1	79	92,9
Consumo de Loló	82	96,5	3	3,5
Consumo de Lança perfume	15	17,6	70	9,9

Consumo de Crack	4	4,7	81	95,3
Consumo de Cocaína	7	8,2	78	91,8

Observando uma evolução temporal de estudos epidemiológicos sobre o consumo de drogas lícitas e ilícitas, é possível perceber que do final da década de 70 até o final da década de 80, estudos em países da América Latina, identificam uma tendência semelhante para o consumo de drogas com o consumo em países desenvolvidos. As substâncias psicoativas mais consumidas foram o álcool e o tabaco, seguidos pelos solventes (LOREDO-SILVA; GALLEGOS; MEJIA-LAGUNA, 1977; SARINANA; MAYA; AQUILAR, 1982; MEDINA-MORA; CASTRO, 1984; MAYA-SANCHES; GARCIA ZAVALA, 1986; PELAEZ et al, 1989; AQUILAR, 1989).

Esta tendência continua sendo observada nas décadas seguintes, pelo alto consumo de álcool apresentado principalmente entre o sexo masculino, no entanto, se percebe um decréscimo no consumo de tabaco pelo sexo masculino, acréscimo deste consumo entre o sexo feminino, e um incremento no uso dos solventes e da maconha em ambos os sexos, dados que corroboram os achados do presente estudo no que se refere ao consumo de álcool, tabaco, solventes e maconha (PINTON; BOSKOVITZ; CABRERA, 2005; CASTILLO et al, 2005; VIEIRA, et al, 2007; HORTA et al, 2007 e VIEIRA et al, 2008).

Em estudo com adolescentes, sobre consumo de substâncias psicoativas no município de Ribeirão Preto-SP, Muza e colaboradores (1997) observaram que da amostra estudada 88,9% consumiram bebidas alcoólicas alguma vez na vida e 37,7% utilizaram o tabaco, 31,1% os solventes; 10,5% os medicamentos; 6,8% a maconha; 2,7% a cocaína; 1,6% os alucinógenos e 0,3% consumiu alguma substância a base de opiáceos.

Pinton, Boskovitz; Cabrera (2005) descrevem um alto consumo de álcool e a diminuição no consumo de tabaco (22%), pelos adolescentes por eles pesquisados. Horta et al (2007) indicam um maior consumo de tabaco entre as mulheres em estudo sobre consumo de drogas com adolescentes. Vieira et al (2008) revelam um número de

consumo de cigarros de 4,4% em estudo realizado sobre comportamento de estudantes em escolas públicas em Gravataí-RS, Castillo et al (2005) em estudo com mulheres apontam valores de cerca 30% deste tipo de consumo e Ker-Corrêa e colaboradores (1999) em estudo com estudantes do ensino superior revelam um consumo de 7% para o tabaco. No entanto, para Pinton, Boskovitz; Cabrera (2005) e Vieira et al (2008) também é fundamental, para a compreensão do problema, se estudar o uso associado de drogas lícitas e drogas ilícitas.

A tabela 14 apresenta dados referentes a relação entre consumo de bebidas alcoólicas e consumo de tabaco e de drogas ilícitas.

Conforme observado, há associação com diferenças estatisticamente significativas entre o consumo de bebidas alcoólicas com o consumo de tabaco e o consumo de drogas ilícitas.

Tabela 14: Relação entre consumo de bebidas alcoólicas e consumo de tabaco com consumo de drogas ilícitas.

Variável	Consumo bebida alcoólica				Valor de P
	Sim		Não		
	N	%	N	%	
Consumo Cigarro					
Sim	22	95,65	1	4,35	<0,001*
Não	220	33,20	442	66,80	
Consumo drogas ilícitas					
Sim	70	82,35	15	17,65	<0,001*
Não	180	29,46	431	70,54	

*Teste de Qui-quadrado com correção de Yates

Para Muza et al (1997) a adolescência é o grupo etário que maior preocupação suscita quanto ao consumo de substâncias psicoativas e tem mobilizado grandes esforços na produção do conhecimento a respeito deste fenômeno.

Scivoletto, Henriques jr, Andrade (1997) em estudos com adolescentes dependentes constatou que o uso de álcool começa muito cedo na vida dos adolescentes, antes dos 11 anos, e caminha rapidamente para uma associação ao consumo de tabaco, maconha, solventes e opióides nos anos seguintes. Pinton, Boskovitz; Cabrera (2005) indica em seus estudos com estudantes de medicina uma frequência elevada no consumo de drogas, principalmente as drogas lícitas, com uso concomitante entre elas. E Vieira e colaboradores (2008) mostraram associação entre consumo de álcool e consumo de cigarros e de outros tipos de drogas, sendo possível perceber valores semelhantes em estudos como os de Ker-Corrêa et al (1999) e os de Pinton, Boskovitz; Cabrera (2005) A tabela 15 apresenta o cruzamento de dados relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas e de drogas ilícitas com dados sociodemográficos.

Conforme é possível observar, a variável sexo apresentou associação entre o consumo de bebidas alcoólicas e o consumo de drogas ilícitas e a variável idade com o consumo de bebidas alcoólicas.

Tabela 15: Relação entre consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas com dados sociodemográficos.

Variável	Consumo de Bebidas				Valor de P	Consumo de drogas ilícitas				Valor de P
	Sim		Não			Sim		Não		
	N	%	n	%		n	%	n	%	
Tipo de Escola										
Pública	187	34,40	356	65,60	0,150*	61	11,00	492	89,00	0,163*
Privada	63	41,18	90	58,82		24	15,58	130	84,42	
Sexo										
Masculino	134	40,24	199	59,76	0,025*	59	17,30	282	82,70	<0,001*
Feminino	115	31,77	247	68,23		26	7,12	339	92,88	
Cor da Pele do adolescente										
Preta	27	27,84	70	72,16	0,240**	8	8,00	92	92,00	0,213**
Branca	82	40,20	122	59,80		28	13,40	181	86,60	
Parda	106	34,75	199	65,25		36	11,69	272	88,31	

Amarela	11	39,29	17	60,71		2	7,14	26	92,86	
Indígena	23	41,82	32	58,18		11	20,00	44	80,00	
Estado Civil										
Casado	3	60,00	2	40,00	0,359***	1	16,67	5	83,33	0,541***
Solteiro	247	36,06	438	63,94		84	12,09	611	87,91	
IDH do bairro de moradia										
Muito alto	31	43,06	41	56,94		12	16,22	62	83,78	
Alto	37	33,33	74	66,67		9	7,96	104	92,04	
Médio	72	38,30	116	61,70	0,443**	24	12,70	165	87,30	0,284**
Baixo	75	33,04	152	66,96		27	11,69	204	88,31	
Muito baixo	12	42,86	16	57,14		6	20,69	23	79,31	
Idade do Adolescente										
Média	16,76		16,37		<0,001****	16,67		16,50		0,185****
Desvio-Padrão	1,21		1,22			1,22		1,23		

*Teste de Qui-Quadrado com correção de Yates ** Teste de Qui-quadrado de Pearson ***Teste Exato de Fisher ****Teste Mann-Whitney

Semelhante aos achados do presente estudo, Asinelli-Luz, Wosniak, Aparecida (1999) em pesquisa sobre abuso de drogas e situações de risco com adolescentes no estado do Paraná, identificaram a faixa etária entre 16 e 18 anos como sendo a de maior consumo de drogas na adolescência, no entanto, os autores não encontraram diferença significativa entre os gêneros como a que ocorreu na presente pesquisa.

Vieira et al (2008), em estudo com adolescente de uma cidade do interior do estado de São Paulo, demonstram que a média de idade de primeiro uso de álcool dos adolescentes por eles pesquisados foi de 12,35 ($\pm 2,72$), variando entre 5 e 19 anos e que em 78 por cento dos casos, o primeiro uso de álcool ocorreu antes dos 15 anos, sendo que mais de 22 por cento dos adolescentes relataram que experimentaram bebida alcoólica antes dos 10 anos. E Scivoletto, Henriques jr, Andrade (1997) verificaram em estudos com adolescentes que procuraram atendimento ambulatorial para tratamento de dependência contra álcool e drogas que 85% dos pesquisados eram do sexo masculino, com idade de início do consumo por volta dos 10 anos.

Muza e colaboradores (1997) revelaram, em seus estudos sobre consumo de drogas lícitas e ilícitas por adolescentes na cidade de Ribeirão Preto-SP, que as drogas,

sejam elas lícitas ou ilícitas, são freqüentemente experimentadas na adolescência, tanto pelos meninos como pelas meninas, muitas vezes em idades bem precoces, e que o tabaco mostra taxas bem inferiores às de bebidas alcoólicas, conforme também se observa no atual estudo.

Lima e colaboradores (2002) não encontraram diferença estatisticamente significante entre o uso de drogas entre homens e mulheres, mas observaram um número bastante elevado no que se refere ao consumo de ansiolíticos pelas mulheres pesquisadas. Já Horta e colaboradores (2007) em estudo sobre consumo de drogas por adolescentes realizado em Pelotas-RS encontraram associação entre gênero e tabagismo e gênero e álcool, com consumo de cigarro sendo mais prevalente no sexo feminino e o de álcool no masculino. Os autores não encontraram dados significativos para estabelecer associação entre consumo de drogas ilícitas e gênero, apesar da predominância do sexo masculino neste tipo de consumo.

Pinton, Boskovitz, Cabrera (2005) revelaram dados referentes a um estudo com estudantes de curso de medicina em São José do Rio Preto-SP onde os homens foram responsáveis pelo maior consumo de drogas, exceto os ansiolíticos. De acordo com os resultados do estudo os homens consomem mais álcool e com mais freqüência que as mulheres e cerca de 70% dos alunos afirmaram já terem bebido até se embriagar, sendo que destes, cerca de 35% usaram álcool associado a outra droga no último ano. Quanto ao tipo de escola, os mesmos autores revelam em seus estudos números de cerca de 60% de estudantes de escolas públicas contra 40% de escolas privadas, porém não fazem qualquer menção a associação entre esta variável e o consumo de drogas por parte dos adolescentes pesquisados.

Para Ramos, Bertolote (1997) o álcool é uma droga psicoativa que admite, dependendo da dose, da freqüência e das circunstâncias, um uso sem problemas. Talvez a isso se deva o número tão alto de consumo deste tipo de droga entre jovens e adolescentes e ao seu tão precoce contato inicial e conseqüente uso. Segundo dados do IBGE (2007) este contato e consumo de drogas por adolescentes tem estreita relação com os bairros em que estes vivem e as escolas em que estudam.

De acordo com Kanh (2001), em comunidades nas quais o tráfico de drogas é proeminente e predominam os interesses econômicos das “bocas de fumo”, 17% dos adolescentes já receberam oferta para consumo de drogas e 42% assistiram a cenas de compra e venda de drogas. Segundo este mesmo autor, o uso de drogas na escola foi citado por 25,7% dos alunos de escolas públicas. Dados oriundos de um estudo realizado em dez capitais brasileiras mostram a convivência das escolas com a violência, seja dos próprios estudantes seja a social. Dos jovens entrevistados, entre 16 e 24 anos, 12% disseram ter recebido oferta de drogas no espaço escolar (CARDIA, 1999). Além disso, Minayo et al, (1999) identificam nestes ambientes um desenvolvimento de uma cultura de violência na qual a pedagogia da briga e os valores machistas se mostram profundamente arraigados.

Com relação a cor da pele e estado civil dos adolescentes, Lima e colaboradores (2002) apresentam dados sobre estudo dos diferenciais raciais/étnicos no uso de drogas, que indicam um consumo de drogas de cerca de 10% para a população de negros jovens, enquanto que este consumo na população branca do mesmo estudo era de 4,8%. No entanto, o nível de escolaridade dos brancos era maior e a maioria solteiro. Os diferenciais étnicos/raciais apontados pelas variáveis sócio-demográficas de usuários de drogas negros e brancos indicam que os negros estão sujeitos a uma maior exposição ao uso de drogas nas regiões urbanas das grandes capitais, mas que as drogas ilícitas são consumidas tanto por negros quanto por brancos de diferentes estratos sociais, e sugerem que as consequências relativas ao seu uso devem levar em conta os diferenciais decorrentes das variáveis socioeconômicas.

A tabela 16 apresenta os resultados referentes ao cruzamento de dados relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas com dados socioeconômicas. Conforme é observado, com relação às características relacionadas a dados socioeconômicos do responsável pelos adolescentes, percebe-se associação estabelecida entre situação ocupacional dos responsáveis pelos adolescentes com o consumo de bebidas alcoólicas, com os adolescentes cujos responsáveis trabalham consumindo de forma significativamente maior bebidas alcoólicas que os adolescentes cujos responsáveis não estavam trabalhando no momento da realização da pesquisa.

Tabela 16: Relação entre consumo de bebidas alcoólicas e consumo de drogas ilícitas com dados socioeconômicos.

Variável	Consumo de Bebidas				Valor de P	Consumo de drogas ilícitas				Valor de P
	Sim		Não			Sim		Não		
	N	%	N	%		N	%	N	%	
Classe Socioeconômica										
A1	4	66,67	2	33,33		4	66,67	2	33,33	
A2	18	54,55	15	45,45		8	24,24	25	75,76	
B1	30	41,67	42	58,33		11	15,07	62	84,93	
B2	57	41,30	81	58,70	0,004**	13	9,22	128	90,78	0,004***
C	123	32,45	256	67,55		44	11,43	341	88,57	
D	18	27,69	47	72,31		5	7,58	61	92,42	
E	0	0,00	3	100		0	0,00	3	100	
Grau de Instrução do Responsável										
Analfabeto até primário incompleto	11	29,73	26	70,27		4	10,26	35	89,74	
Primário completo até ginásial incompleto	29	29,29	70	70,71		13	13,13	86	86,87	
Ginásial completo até científico incompleto	60	37,27	101	62,73	0,547**	17	10,30	148	89,70	0,758**
Científico completo até superior incompleto	87	37,34	146	62,66		33	13,98	203	86,02	
Superior completo	60	37,74	99	62,26		17	10,56	144	89,44	
Situação ocupacional do responsável										
Sim	219	38,42	351	61,58		67	11,55	513	88,45	
Não	9	18,37	40	81,63	0,009**	8	16,00	42	84,00	0,601**
Não, recebe aposentadoria	22	29,73	52	70,27		10	13,51	64	86,49	
Situação ocupacional do Adolescente										
Sim	26	40,00	39	60	0,550*	7	10,45	60	89,55	0,860*
Não	221	35,42	403	64,58		76	12,01	557	87,99	
Renda do Responsável										
Média	3,30		2,37			3,79		2,53		
Desvio-Padrão	3,35		2,63		<0,001****	3,85		2,74		0,010****

*Teste de Qui-Quadrado com correção de Yates ** Teste de Qui-quadrado de Pearson ***Teste exato de Fisher ****Teste Mann-Whitney

Ainda de acordo com os resultados encontrados, percebe-se que as variáveis renda e classe socioeconômica encontram-se associadas ao consumo de bebidas alcoólicas e de drogas ilícitas e, também, que os adolescentes cujos responsáveis trabalhavam, eram de classes socioeconômicas mais altas e tinham maior renda mensal, apresentaram maiores percentuais de consumo, tanto de álcool quanto de drogas ilícitas.

Confirmando os achados da atual pesquisa, estudos realizados no estado de São Paulo com estudantes de cursos de medicina, onde a renda e a classe socioeconômica são reconhecidamente mais altas, revelaram um alto padrão de consumo de drogas pelos estudantes (KER-CORRÊA et al, 1999; PINTON, BOSKOVITZ, CABRERA, 2005). Lima et al (2002) demonstraram em estudo sobre diferenças étnicas e raciais e consumo de drogas, que o consumo de drogas ilícitas da população estudada foi alto nas classes socioeconômicas mais elevadas. O mesmo acontecendo com Geib e colaboradores que revelaram alto índice de consumo em estudantes de enfermagem de cidade do interior do Rio Grande do Sul com renda salarial média de dez salários mínimos.

Entretanto, Henriques (2001) e Rocha (2003) referem que o quadro de extrema desigualdade existente na sociedade brasileira coloca as crianças e os adolescentes em contato com situações de risco, dentre elas, para o uso precoce de bebidas alcoólicas e de drogas ilícitas. De acordo com Brasil (2005) estudos realizados em capitais brasileiras, demonstraram que 42% dos jovens entrevistados que eram moradores de comunidades periféricas destas cidades, relataram presenciar o uso e a venda de drogas em sua comunidade, e, 17%, receberam ofertas para o consumo deste tipo de produto. E Minayo et al (1999) revelam que em pesquisa realizada com estudantes do Rio de Janeiro, 25,7% dos jovens de estratos de classes A e B e 17,5%, dos estratos C,D e E mencionaram o uso de drogas na escola.

Desta forma, pode-se perceber que a relação causal existente entre consumo de drogas e classe socioeconômica não é simples e unidirecional. Da mesma forma que é preciso considerar forças estruturais, como classe social, trabalho, local de moradia, raça e gênero, deve-se considerar que, nas classes mais abastardas, há uma grande parcela de jovens que consomem algum tipo de substância psicoativa (MUZA et al,1997). Portanto, principalmente pelo fato de que a primeira experiência com drogas ocorre freqüentemente na adolescência, parece ser fundamental, para estudar este fenômeno, estabelecer relações com fatores como os familiares.

A tabela 17 apresenta o cruzamento de dados relacionados ao consumo de drogas lícitas e ilícitas e fatores familiares.

Tabela 17: Relação entre consumo de bebidas alcoólicas e consumo de drogas ilícitas com fatores familiares

Variável	Consome bebida alcoólica				Valor de P	Consumo de drogas				Valor de P
	Sim		Não			Sim		Não		
	N	%	Não	%		N	%	Não	%	
Apanhou dos pais										
Sim	204	35,29	374	64,71	0,604*	69	11,73	519	88,27	0,969*
Não	43	38,39	69	61,61		14	12,39	99	87,61	
Brigas na família										
Pouco	202	34,41	385	65,59	0,013*	62	10,40	534	89,60	<0,001*
Muito	39	49,37	40	50,63		20	25,00	60	75,00	
Relação com o pai										
Ótima	84	35,29	154	64,71	0,777**	28	11,52	215	88,48	0,233**
Muito boa	38	33,04	77	66,96		11	9,32	107	90,68	
Boa	55	34,16	106	65,84		16	9,94	145	90,06	
Regular	44	40,00	66	60,00		20	18,18	90	81,82	
Ruim	21	39,62	32	60,38		6	11,11	48	88,89	
Relação com a mãe										
Ótima	140	33,49	278	66,51	0,037**	44	10,43	378	89,57	0,001**
Muito boa	48	38,71	76	61,29		17	13,18	112	86,82	
Boa	31	32,29	65	67,71		7	7,29	89	92,71	
Regular	22	55,00	18	45,00		13	31,71	28	68,29	
Ruim	7	53,85	6	46,15		2	15,38	11	84,62	
Relação entre os pais										
Ótima	68	35,23	125	64,77	0,696**	25	12,76	171	87,24	0,027**
Muito boa	39	32,77	80	67,23		5	4,13	116	95,87	
Boa	51	33,77	100	66,23		19	12,34	135	87,66	
Regular	55	39,57	84	60,43		18	12,86	122	87,14	
Ruim	27	40,30	40	59,70		13	19,40	54	80,60	
Pais separados										
Sim	106	37,06	180	62,94	0,797*	41	14,14	249	85,86	0,201*
Não	136	35,79	244	64,21		41	10,59	346	89,41	

*Teste de Qui-Quadrado com correção de Yates

** Teste de Qui-quadrado de Pearson

Conforme se observa, as variáveis brigas na família, relação com a mãe e relação entre os pais, apresentaram-se associadas ao consumo de bebidas alcoólicas e de drogas ilícitas e, a variável relação entre os pais associada ao consumo de drogas ilícitas.

Segundo Caldas Jr, Rabelo (2007) mudanças no padrão de convivência podem conduzir as famílias a uma nova dinâmica, na qual, fatores interligados, dentre eles o consumo de substâncias lícitas e ilícitas, concorrem para que o relacionamento familiar

perca o equilíbrio gerando conflitos e agressões, conforme se observou nos achados deste estudo com associação entre consumo de bebidas e brigas nas famílias dos adolescentes com 49,36 % dos pesquisados relatando que suas famílias brigavam muito, contra 34,41 que brigavam pouco.

Para Melo e colaboradores (2005), conflitos familiares contém muitos elementos da dinâmica doméstica, mas também estão enraizados no contexto relacional da família e, apesar das diversas causas que podem provocá-la, sugerem a divisão em dois grandes grupos, os fatores de sua origem: os fatores intrafamiliares, onde estão localizados os relacionamentos familiares como um todo e o uso da autoridade dos pais em particular e os fatores sociais, entre eles, o uso de álcool e drogas, fenômenos comuns na sociedade contemporânea. E de acordo com autores como De Antoni e Koller (2000), Zdanowicz, Janne, Reynaert (2004) e Caldas Jr, Rabelo (2007), o equilíbrio de uma família é alterado quando um dos membros consome drogas, lícitas ou ilícitas, e o álcool parece ser a droga mais nociva ao funcionamento familiar, por seu uso ser aceito socialmente.

A tabela 18 apresenta o cruzamento de dados relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas e consumo de drogas ilícitas com fatores relacionados à violência.

Tabela 18: Relação entre consumo de bebidas alcoólicas e consumo de drogas ilícitas com fatores relacionados à violência.

Variável	Consome bebida alcoólica				Valor de P	Consome drogas ilícitas				Valor de P
	Sim		Não			Sim		Não		
	N	%	Não	%		n	%	Não	%	
Na briga alguém se machucou										
Sim	54	58,06	39	41,94	0,003*	28	29,79	66	70,21	0,003*
Não	45	36,89	77	63,11		16	12,70	110	87,30	
Na briga usou alguma arma										
Sim	8	66,67	4	33,33	0,239*	7	58,33	5	41,67	0,003*
Não	91	44,83	112	55,17		37	17,79	171	82,21	

*Teste de Qui-Quadrado com correção de Yates

** Teste de Qui-quadrado de Pearson

Conforme se observa, foram verificadas associações com diferenças estatisticamente significativas entre consumo de álcool e de drogas ilícitas por parte dos

adolescentes avaliados que declararam ter se envolvido em brigas e alguém saiu machucado no evento destas brigas e alguém usou armas nestes eventos.

Fagan (1990;1993) apresenta estudos experimentais que demonstram que o abuso de álcool pode ser responsável pelo aumento da agressividade entre os usuários. De acordo com Melo (2005) há evidências de que a cocaína, os barbitúricos, as anfetaminas e os esteróides têm propriedades que podem motivar atitudes, comportamentos e ações violentas. E Goldstein (1989) e Musa (1996) afirmam que os usuários de cocaína têm problemas de supressão de atividades neurotransmissoras, podendo ser vítimas de depressão, paranóia e irritabilidade.

White, Gorman (2000) descrevem estatísticas internacionais que indicam que, dos homicídios e agressões sérias cometidas, o agressor, a vítima, ou ambos tinham ingerido bebidas alcoólicas em grande parte dos casos.

Mas para Laranjeira, Romano (2004), apesar das relações estabelecidas na fisiopatologia da conduta agressiva serem múltiplas e variadas, o consumo de álcool pode ser considerado um importante facilitador de situações de violência. Estes autores afirmam que não faltam evidências científicas de sua participação nos homicídios, suicídios, violência doméstica, crimes sexuais, atropelamentos e acidentes envolvendo motoristas alcoolizados, no entanto ressaltam a complexidade para se estudar um tema com relações tão múltiplas e variadas.

De acordo com os resultados deste estudo, no que se refere a fatores relacionados a futebol, do total dos pesquisados 75,2% (n=524) declararam gostar de futebol e 9,8% (n=51) destes, serem registrados em torcidas organizadas de times de futebol, com um tempo de filiação mínimo de 01 ano e máximo de 4 anos, média de 2,22 ($\pm 1,217$) anos de filiação.

A tabela 19 demonstra as diferenças sociodemográficas entre os estudantes integrantes de Torcidas Organizadas e os não integrantes.

Conforme se pode observar as características sociodemográficas dos adolescentes integrantes de Torcidas Organizadas não diferem das características da população geral de adolescentes, não apresentando diferenças estatisticamente significativas em relação a nenhuma das variáveis estudadas.

Tabela 19: Diferenças sociodemográficas dos estudantes integrantes de Torcidas Organizadas e dos não integrantes.

Variável	Integrante de Torcida Organizada				Valor de P
	Sim		Não		
	N	%	n	%	
Tipo de Escola					
Pública	41	10,00	370	90,00	0,945*
Privada	10	9,20	99	90,80	
Sexo					
Masculino	33	64,71	248	52,88	0,144*
Feminino	18	35,29	221	47,12	
Cor da Pele do adolescente					
Preta	10	13,30	65	86,70	0,410**
Branca	18	11,80	134	88,20	
Parda	19	8,30	210	91,70	
Amarela	1	5,60	17	94,40	
Indígena	2	4,80	40	95,20	
Estado Civil					
Casado	1	25,00	3	75,00	0,341***
Solteiro	50	9,80	462	90,20	
Classe Socioeconômica					
A1	1	25,00	3	75,00	0,238***
A2	2	9,1	20	90,90	
B1	8	13,8	50	86,20	
B2	15	14,00	92	86,00	
C	20	7,20	256	92,80	
D	5	9,80	46	90,20	
E	0	0,00	2	100,00	
Grau de Instrução do responsável					
Analfabeto até primário incompleto	4	13,30	26	86,7	0,809**
Primário completo até ginásial incompleto	7	9,30	68	90,70	

Ginasial completo até científico incompleto	12	10,60	101	89,40	
Científico completo até superior incompleto	14	7,80	166	92,20	
Superior completo	13	11,10	104	88,90	
Idade do Adolescente					
Média		16,27		16,52	0,252****
Desvio-padrão		1,04		1,24	
Renda do responsável					
Média		2,96		2,72	0,571****
Desvio-padrão		3,17		2,99	

*Teste de Qui-Quadrado com correção de Yates ** Teste de Qui-quadrado de Pearson ***Teste Exato de Fisher **** Teste Mann-Whitney

Vieira e Siqueira (2008) destacam que a expansão do futebol trouxe consigo o hábito de terem adeptos assistindo aos jogos e que, a partir de 1980, começam a fazer parte deste cenário, pessoas que vestem a mesma camisa para se diferenciar dos outros e constituir uma nova forma de torcer que lhes dão uma identidade e sociabilidade, os torcedores organizados. Este recente movimento social e urbano de jovens em torno desta organização difundiu novas dimensões de relações, e, com o aparecimento de episódios violentos neste contexto, a violência passou a ser relacionada à participação destas torcidas, causando assim grande impacto na opinião pública brasileira (Pimenta, 1999; Teixeira, 2001; Reis, 2003; Cunha, 2003).

Corroborando os achados da presente pesquisa, diversos autores, como Capez (1996), Lerner (1996), Silva (1996), Freitas (2000), Reis (2003) e Cunha (2007) demonstram que na composição de uma torcida organizada de times de futebol existe uma pluralidade de agentes que assumem diversos papéis no processo das relações sociais. Pessoas que gostam de futebol e do prazer promovido pelas torcidas, como estudantes, trabalhadores das mais diversas profissões, pais de família, homens, mulheres, adultos e jovens.

No entanto, Cunha (2007) também identificou entre as torcidas organizadas, subgrupos que manifestam comportamentos violentos e que podem ser caracterizados como fazendo parte do aspecto subcultural da juventude, entendido, como produtos de forças estruturais, como classe social, trabalho, desemprego, raça e gênero. E Reis (2003) observa, neste contexto da violência praticada por torcedores, a participação de jovens das classes sociais mais elevadas e pondera perspectivas para que se possa

pensar em um traço, talvez cultural, de permissividade e de impunidade da sociedade brasileira

Portanto, apesar de não se encontrar na literatura dados descritivos conclusivos sobre o perfil dos torcedores organizados, parece ser consenso entre os estudiosos do assunto, que os participantes destas torcidas, são, na sua maioria, jovens sem perspectivas de trabalho, do sexo masculino e oriundos das classes menos favorecidas, mas também, com bastante intensidade, fazem parte de seus quadros pessoas do sexo feminino e jovens oriundos do seio da burguesia (REIS, 2003; CUNHA, 2007; VIEIRA; SIQUEIRA, 2008).

A tabela 20 apresenta o cruzamento de dados relacionados entre integrante e não integrantes de Torcidas Organizadas e consumo de drogas ilícitas.

Tabela 20: Relação entre integrantes e não integrantes de Torcidas Organizadas e consumo de drogas lícitas e ilícitas.

Variável	Integrante de Torcida Organizada				Valor de P
	Sim		Não		
	N	%	Não	%	
Consome drogas ilícitas					
Sim	19	25,70	55	72,30	<0,001*
Não	32	7,20	414	92,80	
Consumo de Maconha					
Sim	11	45,80	13	54,20	0,014*
Não	8	16,00	42	84,40	
Consumo de Cola					
Sim	3	60,00	2	40,00	0,103**
Não	16	23,20	53	76,80	
Consumo de Solvente					
Sim	4	80,00	1	20,00	0,014**
Não	15	21,70	54	78,30	
Consumo de Loló					
Sim	19	26,80	52	73,20	0,565**
Não	0	0,00	3	100,00	
Consumo de Lança perfume					
Sim	5	41,70	7	58,30	0,276**

Não	14	22,60	48	77,40	
Consumo de Crack					
Sim	1	33,30	2	66,70	1,00**
Não	18	25,40	53	76,60	
Consumo de Cocaína					
Sim	3	60,00	2	40,00	0,103**
Não	16	23,20	53	76,80	
Consumo de Cigarro					
Sim	6	30,00	14	70,00	0,009**
Não	44	9,00	445	91,00	
Consome bebidas alcoólicas					
Sim	29	14,50	171	85,50	0,010*
Não	22	7,10	288	92,90	

*Teste de Qui-Quadrado com correção de Yates **Teste Exato de Fisher

Conforme é possível observar, houve associação, com diferenças estatisticamente significativas, entre o fato de o adolescente ser integrante de torcida organizada e consumo de drogas lícitas e ilícitas, dentre estas, associação se deu entre o uso de maconha e o uso de solvente.

Autores como Minayo, Deslandes (1998) e Melo et al (2005), afirmam haver muita incerteza quanto às explicações causais entre consumo de drogas lícitas e ilícitas e comportamento violento dos usuários, no entanto, os dados referentes ao consumo de drogas lícitas e ilícitas encontrados no presente estudo, indicam que houve uma associação entre consumo de drogas e o comportamento violento dos adolescentes declarados integrantes de torcidas organizadas. Porém, entre os que estudam especificamente a temática das torcidas organizadas como Toledo (1994), Pimenta (1997; 2000), Reis (2000; 2003), Cunha (2007) e Vieira e Siqueira (2008), não se encontram dados relacionados ao perfil de comportamento dos torcedores quanto ao consumo de drogas. Freitas (2000) apenas relaciona a venda de álcool nos estádios como possível potencializador da violência, mas sem indicar padrões de consumo ou associação deste tipo de produto às características de perfil dos torcedores ou membros de torcidas organizadas.

Estudos de Fagan (1990, 1993), Muza et al (1997), Scivoletto (1997), White, Gorman (2000), Carlini et al (2002), Laranjeira, Romano (2004) e Melo et al (2005)

descrevem o consumo de álcool e drogas ilícitas como facilitadores de situações de violência, entretanto, não apresentam dados relacionados a torcedores ou integrantes de torcidas organizadas.

Carvalho (1985) observa que as ações praticadas por integrantes de torcidas organizadas não são diferentes daquelas vivenciadas por grupos de jovens, por exemplo, em concertos de rock ou em bailes funks, portanto, é possível inferir que o perfil de comportamento destes jovens, também no que se refere ao uso de drogas lícitas ou ilícitas, deva apresentar padrões semelhantes aos dos demais componentes desta parcela da população.

A tabela 21 apresenta o cruzamento de dados relacionados entre integrantes e não integrantes de Torcidas Organizadas e fatores familiares.

De acordo com os resultados encontrados, só foi possível estabelecer associação entre fatores familiares e participação em torcidas organizadas, nos adolescentes que se declararam filhos de pais separados e se sentiam prejudicados de alguma forma com a separação dos pais.

Tabela 21: Relação entre integrantes e não integrantes de Torcidas Organizadas e fatores familiares.

Variável	Integrante de Torcida Organizada				Valor de P
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Coesão familiar					
Aglutinada e Desligada	21	11,10	169	88,90	0,575*
Separada e Conectada	30	9,10	299	90,90	
Apanhou dos pais					
Sim	40	9,20	394	90,80	0,353*
Não	11	13,30	72	86,70	
Brigas na família					
Pouco	41	9,50	391	90,50	0,568*
Muito	8	12,70	55	87,30	

Relação com o pai

Ótima	16	9,20	158	90,80	
Muito boa	5	5,30	89	94,70	
Boa	14	12,10	102	87,90	0,389**
Regular	10	12,70	69	87,30	
Ruim	6	13,30	39	86,70	

Relação com a Mãe

Ótima	26	8,70	273	91,30	
Muito boa	11	10,70	92	89,30	
Boa	4	5,70	66	94,30	0,052**
Regular	7	20,60	27	79,40	
Ruim	3	25,00	9	75,00	

Pais separados

Sim	24	11,00	195	89,00	0,511*
Não	25	8,80	259	91,20	

Prejuízo para o adolescente**com a separação dos pais**

Sim	16	17,00	78	83,00	0,047*
Não	9	7,40	113	92,60	

*Teste de Qui-Quadrado com correção de Yates

** Teste de Qui-quadrado de Pearson

Segundo Zdanowicz, Janne, Reynaert (2004) a criança gradativamente vai se tornando independente da família e, com o passar do tempo, na adolescência, vai sendo capaz de se diferenciar dentro do sistema familiar. O que representa certa incoerência, pois, para se tornar independente, o adolescente precisa de uma família coesa, e uma possibilidade de explicação para os resultados encontrados no presente estudo, no que se refere ao adolescente se sentir prejudicado com a separação dos pais, já que, desta forma, a percepção do adolescente sobre suas famílias e, conseqüentemente, a sua interpretação sobre esta percepção pode mudar com o tempo.

Por outro lado, de acordo Teodoro (2000), nas relações de identificação poderiam ser encontrados outros argumentos para justificar estes dados. A identificação é a crença de que uma pessoa possui alguns atributos de um modelo e permite a incorporação de padrões de pensamento e comportamento primordiais para a formação

da identidade e, com a separação, o adolescente é privado da presença mais constante de um dos pais, na maioria das vezes do pai, e poderia se ressentir desta ausência. Isto, aliado a outros fatores, como os já citados fatores estruturais (moradia, renda, emprego, etc.), poderia contribuir para a sua identificação com subgrupos sociais, como as torcidas organizadas de times de futebol, em busca de extravasar seus sentimentos.

A tabela 22 apresenta o cruzamento de dados relacionados entre integrantes e não integrantes de Torcidas Organizadas com violência e com fatores relativos ao futebol.

De acordo com estes resultados, a maioria dos integrantes de torcidas organizadas, declarou ter insultado ou xingado alguém nos últimos meses, com uma prevalência de 75,51% dos casos.

Para quem declarou ter se envolvido em brigas, a prevalência foi de 54,90% e, destes, 65,51% informaram que alguém se machucou neste evento. E dos que usaram algum tipo de arma, 100% dos que usaram garrafas eram integrantes de torcidas organizadas.

Tabela 22: Relação entre integrantes e não integrantes de Torcidas Organizadas com comportamento violento e fatores relacionados ao futebol.

Variável	Integrante de Torcida Organizada				Valor de P
	Sim		Não		
Na briga alguém se machucou					
Sim	19	25,00	57	75,00	0,021*
Não	10	10,50	85	89,50	
Na briga usou algum tipo de arma					
Sim	3	33,30	6	66,70	0,180***
Não	26	16,00	136	84,00	

Com quem vai aos estádios					
Colega do bairro	19	20,20	75	79,80	
Colegas do trabalho	2	18,20	9	81,80	
Pai ou Parente	8	7,80	95	92,20	<0,001**
Namorado(a)	2	18,02	9	81,80	
Companheiros membros de torcida organizada	9	81,80	2	18,02	
Mora Próximo ao estádio					
Sim	28	13,00	187	87,00	
Não	23	7,70	277	92,30	0,063*
Insultou ou agrediu alguém de torcida organizada					
Sim	19	41,30	27	58,70	
Não	32	6,80	436	93,20	<0,001***
Foi Insultado ou agredido por alguém de torcida organizada					
Sim	20	31,30	44	68,80	
Não	31	6,90	421	93,10	<0,001*

*Teste de Qui-Quadrado com correção de Yates

** Teste de Qui-quadrado de Pearson

***Teste Exato de

Fisher

Ainda verifica-se, nesta tabela, que grande parte dos integrantes de torcidas organizadas vai aos estádios com colegas de bairros (47,5%) e com companheiros membros de torcidas organizadas, enquanto que os não integrantes de torcidas organizadas, a maioria (95%) vai com os pais ou parentes. Estes resultados foram estatisticamente significantes. Dos integrantes de torcidas organizadas, 54,90% moram próximo aos estádios, 37,25% insultaram ou agrediram algum integrante de torcidas organizadas e 39,22% afirmaram terem sido insultados ou agredidos por algum integrante de torcidas. Resultados, também, estatisticamente significantes.

Segundo Pimenta (1997) a violência, verbal e física, vem se traduzindo em um dos principais códigos e símbolos sociais de agrupamento, principalmente de jovens, em torno das torcidas organizadas. Para Cunha (2007), a tradição violenta que foi se consolidando neste contexto, fez com que as torcidas organizadas atraíssem pessoas que não mais eram seduzidos pelo futebol, ou só por ele, mas antes pelos acontecimentos que este lhes proporcionava, ao ponto de se perceber que, hoje, não se é torcedor de um

clube, mas sim de uma torcida, sendo este é um dos principais componentes no processo de violência atualmente observado nos estádios de futebol.

Autores como Pimenta (1997) e Reis (2003) destacam que a violência nos estádios de futebol é caracterizada por atos de vandalismo, brigas e distúrbios praticados dentro e fora das praças esportivas. Portanto, a associação estatisticamente significativa, encontrada no presente estudo, entre o uso de garrafas, como armas, entre os integrantes e não integrantes das torcidas organizadas que declararam terem se envolvido em eventos de brigas nos últimos meses, denotam a importância de medidas como a proibição de venda de produtos em recipientes deste tipo, dentro dos estádios.

No entanto, apesar da relação entre a utilização de pedras e de pedaços de pau e de ferro, entre os integrantes e não integrantes das torcidas organizadas, não ter sido estatisticamente significativa, conforme se observa na tabela 18, estes materiais foram relatados como os mais utilizados pelos adolescentes do estudo que se envolveram em eventos de brigas, sejam eles, torcedores organizados ou não, conforme descrito na tabela 8. Assim, percebe-se a necessidade de se investir em cuidados para que materiais de obras e reformas feitas nas proximidades ou nos próprios estádios sejam removidos, no sentido de não permitir que possam servir como armas em possíveis eventos de violência.

Quanto a fatores que podem exercer influência sobre o comportamento dos adolescentes, autores como Chesnais (1999), Reis (2003) e Cunha (2007), descrevem que adolescentes com comportamento violento costumam se reunir em grupos, como é o caso das torcidas organizadas, como forma de se sentirem fortalecidos e de certa forma anônimo para expressarem seus sentimentos. Fato observado no presente estudo, onde se percebe que a maioria dos adolescentes registrados em torcidas organizadas vão aos estádios de futebol acompanhados por companheiros de torcida, 22,5% dos casos, e de colegas de bairros, 47,5% do total dos pesquisados. Já, os adolescentes não registrados nestas torcidas, 95% declararam ir ao estádio acompanhados pelos pais ou por parentes.

De acordo com Cunha (2007), até a primeira metade do século XX, os jovens tradicionalmente iam aos jogos acompanhados pelos pais, parentes ou por diferentes

grupos etários de sua vizinhança estando o seu comportamento, portanto, prioritariamente sujeito a um controle. Depois de 1960, os jovens começaram a assistir a jogos com rapazes da mesma idade, perdendo-se assim este tipo de mecanismo que poderia ser chamado de mecanismo auto-regulador.

Mas isto não significa dizer que deste processo resulta na formação de uma personalidade global ou coletiva que se adquire de forma automática. Este típico comportamento traz a marca de um desejo. Um emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos e que envolve muitos outros aspectos vinculados, em uma sociedade historicamente situada num contexto sócio-cultural de violentação urbana no quadro de vida das pessoas, como a exploração, a falta de perspectivas, a má remuneração, o desemprego, a falta de cultura, informação e de tempo livre (CARVALHO, 1985; PIMENTA, 1997; 1999; BACK et al, 1999; REIS, 2003).

Por outro lado, autores como Toledo (1994; 1996), Pimenta (1997), Reis (2003) e Pills (2005) apontam aspectos como as mudanças operadas pela intervenção cada vez mais acentuada do dinheiro e o advento da televisão e o aparecimento de uma imprensa que evidencia o valor da notícia orientado por critérios comerciais, como os principais componentes que fizeram com que os estádios fossem sendo identificados ao longo dos anos, como locais permissivos a atos violentos e ilegais.

A tabela 23 apresenta dados referentes a relação entre coesão familiar e dados sociodemográficos dos estudantes avaliados que se apresentaram associados.

Conforme é possível observar, houve associação entre coesão familiar e os fatores sociodemográficos grau de instrução dos responsáveis pelo adolescente, classe socioeconômica, IDH do bairro de moradia e o tipo de escola onde o adolescente estuda.

Tabela 23: Relação entre coesão familiar e dados sociodemográficos dos estudantes avaliados.

Variável	Coesão familiar				Valor de P
	Aglutinada e Desligada		Separada e Conectada		
	N	%	n	%	
Tipo de Escola					

Pública	223	40,33	330	59,67	<0,001*
Privada	36	23,53	117	76,47	
Classe Socioeconômica					
A1	3	50,00	3	50,00	0,003***
A2	8	24,24	25	75,76	
B1	16	22,22	56	77,78	
B2	45	31,91	96	68,09	
C	152	39,48	233	60,52	
D	34	51,52	32	48,48	
E	1	33,33	2	66,67	
IDH do bairro					
IDH MUITO ALTO	23	31,51	50	68,49	0,006**
IDH ALTO	30	26,55	83	73,45	
IDH MÉDIO	63	33,33	126	66,67	
IDH BAIXO	101	43,72	130	56,28	
IDH MUITO BAIXO	15	51,72	14	48,28	
Grau de Instrução do pai					
Analfabeto até primário incompleto	21	53,85	18	46,15	0,014**
Primário completo até ginásial incompleto	45	45,45	54	54,55	
Ginásial completo até científico incompleto	63	38,18	102	61,82	
Científico completo até superior incompleto	79	33,47	157	66,53	
Superior completo	48	30,00	112	70,00	

*Teste de Qui-Quadrado com correção de Yates

** Teste de Qui-quadrado de Pearson ***Teste Exato de Fisher

Autores como Minayo (1994), Reichenheim, Werneck (1994), Mello Jorge, Latorre (1994), Szwarcwald, Castilho (1998), Akerman (2000), Henriques (2001), Macedo et al (2002) e Costa, Ludemir, Avelar (2007), destacam o fato de que os indivíduos, em particular nas periferias das regiões metropolitanas e capitais, em busca da sua própria sobrevivência e de sua família deixam de desfrutar do pleno convívio com seus familiares, podendo isto ser uma das causas de interferência no funcionamento familiar.

Brasil (2005) estabelece relação entre o nível de educação da população e as desigualdades sociais existentes no país. Galindo e colaboradores (2005) em estudo com crianças de comunidade periférica no Recife descreveram que um alto percentual de responsáveis pelas famílias das crianças avaliadas, cerca de 20%, não sabia ler ou escrever e estabeleceram associação entre nível de escolaridade, renda e o tipo de ocupação destas pessoas, encontrando uma expressiva representação delas entre os

desocupados e os não inseridos no mercado formal de trabalho, característica marcante no quadro das desigualdades brasileiras. Além disso, a qualidade do ensino vem sendo preocupação constante na sociedade brasileira. Pesquisa realizada no Rio de Janeiro com 914 escolares do ensino fundamental e médio revela que a maioria dos alunos da escola pública, local onde estudam mais de 80% da população de estudantes brasileiros, considera que a qualidade do ensino que recebem é pior do que a avaliação feita pelos alunos da rede privada. E Figlie et al (2004) em estudo com filhos de dependentes químicos afirmam que em termos de escolaridade, expressiva parte dos indivíduos do estudo não havia concluído o ensino fundamental, sendo que a ocupação mais frequente do pai era caracterizada por trabalhos informais e, da mãe, do lar.

Tabela 24: Relação entre coesão familiar e fatores familiares.

Variável	Aglutinada e Desligada		Separada e Conectada		Valor de P
	n	%	n	%	
Brigas na família					
Pouco	205	34,40	391	65,60	0,002*
Muito	42	53,16	37	46,84	
Relação com o pai					
Ótima	68	27,98	175	72,02	<0,001**
Muito boa	27	22,88	91	77,12	
Boa	67	41,61	94	58,39	
Regular	57	51,82	53	48,18	
Ruim	31	58,49	22	41,51	
Relação com a Mãe					
Ótima	139	33,02	282	66,98	<0,001**
Muito boa	41	31,78	88	68,22	
Boa	43	44,79	53	55,21	
Regular	24	58,54	17	41,46	
Ruim	9	69,23	4	30,77	
Relação entre os pais					
Ótima	57	29,08	139	70,92	<0,001**
Muito boa	34	28,33	86	71,67	
Boa	56	36,36	98	63,64	
Regular	63	45,00	77	55,00	
Ruim	36	53,73	31	46,27	
Pais separados					
Sim	128	44,14	162	55,86	0,001*
Não	122	31,61	264	68,39	

*Teste de Qui-Quadrado com correção de Yates

** Teste de Qui-quadrado de Pearson

Conforme é possível perceber na tabela 24, houve associação entre coesão familiar e as variáveis, pais separados, brigas na família, relacionamento entre os pais, relacionamento com o pai e relacionamento com a mãe.

De acordo com Gehring (1993) a coesão familiar, definida como uma proximidade emocional ou apego entre os membros da família tem sido relacionada linearmente ao desenvolvimento positivo de adolescentes e famílias.

Segundo Olson (2000) altos e baixos níveis de coesão familiar tendem a ocasionar problemas aos indivíduos e a relação familiar e, em contrapartida, famílias que possuam níveis moderados de coesão mostram-se capazes de manter o equilíbrio entre o indivíduo e a relação familiar ao longo do tempo, o que foi confirmado pelos achados do presente estudo com a constatação das associações estabelecidas.

Figlie et al (2004) demonstrou um acentuado número de divórcios e separações entre os pais no estudo sobre filhos de dependentes químicos. Diversos autores como Osório (1997), De Antoni, Koller (2000), Zdanowicz, Janne, Reynaert (2004) e Caldas Jr, Rabelo (2007) consideram que a família exerce um papel chave para a saúde na adolescência e a coesão familiar deve ser considerada uma dimensão básica para o estudo do funcionamento familiar e a compreensão do comportamento dos indivíduos e de suas relações familiares.

Já em relação ao cruzamento de dados entre coesão e consumo de bebidas alcoólicas e coesão e consumo de drogas ilícitas, de acordo com os resultados da atual pesquisa, percebe-se que houve associação entre a coesão familiar e o consumo de drogas ilícitas, especificamente o tipo de drogas maconha e loló.

Para Caldas Jr, Rabelo (2007) o consumo de substâncias ilícitas pode estar interligado a outros fatores como a coesão familiar. Corroborando os achados da presente pesquisa, autores como Cahn (1998) e Araújo (2002) descrevem que as respostas dos adolescentes às situações cotidianas da vida trazem íntima ligação com a dinâmica de sua relação familiar. E De Antoni, Koller (2000) e Zdanowicz, Janne, Reynaert (2004), apontam fatores ligados à coesão familiar como sendo um risco

adicional para o surgimento de transtornos de comportamento como, por exemplo, o consumo de drogas ilícitas.

Quanto à participação de cada tipo de variável no desfecho do comportamento dos adolescentes, a tabela 25 apresenta os resultados da análise das variáveis através do modelo de regressão logística hierarquizado. Conforme se pode observar, as variáveis sexo, idade, IDH do bairro de moradia, consumo de drogas ilícitas e participação do adolescente em torcidas organizadas de times de futebol se apresentaram associadas ao desfecho comportamento violento nos adolescentes.

Tabela 25: Modelo de regressão logística Hierarquizado

	Análise Bruta			Análise Ajustada		
	OR	(IC 95%)	P	OR	(IC 95%)	P
BLOCO 1 – FATORES Socioeconômicos e Demográficos						
Sexo						
Masculino	1,642	(1,19 ; 2,27)	0,003	1,696	(1,19 ; 2,42)	0,003
Feminino	1,000			1,000		
Idade	0,907	(0,79 ; 1,04)	0,146	0,894	(0,774 ; 1,03)	0,002
IDH						
Muito Alto	1,000		0,003	1,000		0,002
Alto	0,736	(0,37 ; 1,46)		0,829	(0,41 ; 1,67)	
Médio	1,975	(1,10 ; 3,56)		2,268	(1,23 ; 4,18)	
Baixo	1,174	(0,65 ; 2,11)		1,374	(0,74 ; 5,10)	
Muito Baixo	1,650	(0,67 ; 4,09)		1,940	(0,74 ; 1,03)	
BLOCO 2 – FATORES Sociais e de Relacionamentos						
Consumo de Drogas ilícitas						
Sim	2,762	(1,74 ; 4,39)	<0,001	2,278	(1,20 ; 4,34)	0,012
Não	1,000			1,000		
Integrante de Torcida Organizada						
Sim	2,998	(1,67 ; 5,40)	<0,001	2,280	(1,12 ; 4,66)	0,024
Não	1,000			1,000		

Confirmando os dados encontrados na atual pesquisa, encontram-se bastante discutidos na literatura dados que indicam que são os jovens, principalmente do sexo masculino e moradores da periferia, os que mais se envolvem em episódios de violência no Brasil. (BACK; CRABBE; SOLOMOS, 1999; MINAYO, 1994; REICHENHEIM; WERNECK, 1994; MELLO JORGE; LATORRE, 1994; SZWARCOWALD;

CASTILHO, 1998; AKERMAN, 2000; MACEDO et al, 2002; BRASIL, 2005; VIEIRA; SIQUEIRA, 2008).

Quanto ao fato de se encontrar neste estudo um valor de Odds mais elevado para os moradores de bairros com IDH médio em relação aos moradores de bairros com IDH baixo e muito baixo pode ser explicado pelo motivo de se perceber em grandes cidades urbanas brasileiras, como é o caso do Recife, coabitando em um mesmo bairro pessoas com perfil socioeconômico e de estilo e condições vida diferentes, ocasionando situações de conflito principalmente observadas pela influência que o tráfico de drogas exerce neste contexto (BITOUN, 2008).

Segundo dados do IBGE (2007) o contato e consumo de drogas por adolescentes tem estreita relação com os bairros em que estes vivem e com a violência ali estabelecida. Para Muza et al (1997) a adolescência é o grupo etário que maior preocupação suscita quanto ao consumo de substâncias psicoativas e autores como Minayo et al (1999) e Brasil (2005) relacionam o uso destas substâncias e o convívio cotidiano e naturalizado com o tráfico de drogas com o aumento da violência em comunidades periféricas principalmente entre as crianças e os adolescentes.

Minayo et al (1999) ainda consideram a influência de valores machistas no desenvolvimento de uma cultura de violência na sociedade brasileira. Isto, aliado a outros fatores, como os fatores estruturais, poderia contribuir para a identificação dos adolescentes com subgrupos sociais, nos quais o comportamento violento se faz presente e naturalizado como é o caso das torcidas organizadas de times de futebol.

Portanto, a violência é um fenômeno cujas manifestações, como vítimas ou autores, provocam grande impacto e apresentam graves obstáculos ao pleno desenvolvimento dos adolescentes. A sua origem tem diversas e controvertidas explicações e investir na sua compreensão significa, entre outras coisas, atuar em busca de prevenção e de formas específicas de atuação para superá-lo. Sendo fundamental, para tanto, considerar o contexto em que vive o jovem, no ambiente familiar, na escola, na comunidade e nos grupos de relacionamento.

6. CONCLUSÕES

De acordo com os resultados encontrados neste estudo, verificou-se que dos 707 adolescentes avaliados, 78,22% eram de escolas da rede pública de ensino e 21,78 % de escolas da rede privada, sendo 48,23% do sexo masculino e 51,63% do feminino, com idade média de 16,52 anos ($\pm 1,233$), variando entre 15 e 19 e em sua maioria solteiros, do tipo de cor de pele parda e pertencentes a classe socioeconômica C.

Quanto ao desfecho foi possível perceber um alto índice de prevalência de comportamento violento em adolescentes estudantes na cidade do Recife. Esta prevalência mostrou-se associada a fatores como consumo de bebidas alcoólicas e de drogas ilícitas e a fatores familiares, como brigas na família e relação com a mãe e com o pai freqüentemente estudados na literatura. Ainda foi possível observar, através de uma relação não usualmente investigada pela comunidade científica, a associação estabelecida entre comportamento violento dos adolescentes e a sua participação em torcidas organizadas de times de futebol, revelando um elevado percentual de prevalência de comportamento violento.

Os resultados do estudo também revelaram importantes aspectos relativos às características socioeconômicas e demográficas dos adolescentes, demonstrando associação entre classe socioeconômica, IDH do bairro de moradia e sexo dos adolescentes com o comportamento violento apresentado, o que permitiu constatar a vinculação entre este tipo de comportamento e os problemas da violência da sociedade como um todo, com reflexo nas desigualdades de oportunidades e de condições de vida as quais estes adolescentes estão submetidos na sociedade brasileira.

No entanto, também foi possível perceber um alto índice de consumo de bebidas alcoólicas e de drogas ilícitas pelos adolescentes das classes socioeconômicas A1 e A2, sendo encontrada associação entre estas variáveis, assim como, entre o consumo de bebidas alcoólicas e o consumo de drogas ilícitas com o comportamento violento destes adolescentes. O que caracteriza a necessidade de se alargar as perspectivas de análise deste fenômeno para além das questões socioeconômicas e estruturais observando, por exemplo, a influência de aspectos culturais, educacionais e familiares neste processo.

Quanto a participação de cada tipo de variável no desfecho do comportamento dos adolescentes, os resultados da análise das variáveis através do modelo de regressão logística hierarquizado demonstraram que as variáveis sexo, idade, IDH do bairro de moradia, consumo de drogas ilícitas e participação do adolescente em torcidas organizadas de times de futebol se apresentaram associadas ao desfecho com maiores chances para o desenvolvimento de comportamento violento nos adolescentes, sendo o consumo de drogas ilícitas e a participação em torcidas organizadas de times de futebol, as variáveis que apresentaram maiores chances para o adolescente desenvolver este tipo de comportamento.

Desta forma, espera-se que estes dados possam subsidiar novas pesquisas em busca da sistematização e do aprofundamento do tema, assim como, possam servir de referência para a elaboração de estratégias mais eficazes de atuação para a prevenção e superação deste problema que tantas conseqüências traz, não só para os adolescentes, mas para toda a sociedade.

7 REFERÊNCIAS

AKERMAN, M. Diferenciais intra-urbanos em São Paulo: estudo de macro localização de problemas como estratégia para influenciar políticas urbanas. In:BARATA, R.B. et al. (orgs.). **Eqüidade e Saúde**. Contribuições da Epidemiologia. Série Epidemiológica. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000, p. 219-234.

ALMEIDA FILHO, N.; ROUQUAYROL, M. Z. **Introdução à Epidemiologia**. Rio de Janeiro; GUANABARA KOOGAN, 2006.

ANEP - Associação Nacional de Empresas de Pesquisa. Critério de Classificação Econômica Brasil. Disponível em:>www.anep.org.br – anep@anep.org.br. Dados com base no Levantamento Sócio Econômico –IBOPE, 2000..

ANSER, M. A. C.I.; JOLY, M. C. R. A.; VENDRAMINI, C. M. M.: Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar; visão do professor; **Psicologia: Teoria e Prática**;: 6: 2: 67; 81; Português; 1516-3687, 2003

AQUILAR, Z. E. Prevalencia del uso indebido de alcohol, tabaco y drogas en la poblacion ecuatoriana. Bol. **Oficina Sanit. Panam.**, **107**: 510-3, 1989.

ARAÚJO, M. F. Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 2, p. 3-11, 2002.

ASINELLI-LUZ, A.; WOSNIAK, F. L.; APARECIDA, S. C. Vulnerabilidade ao abuso de drogas e a outras situações de risco. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 15, p. 37-52, 1999.

ASSIS, S. G. ; SOUZA, E. R. de . Criando Caim e Abel. Pensando a prevenção da infração juvenil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 131-144, 1999.

AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N.A. Revisitando a violência psicológica doméstica: vozes da juventude. Laboratório de estudos da criança (LACRI-PSA); Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em:> <http://www.ip.usp.br/laboratorios/lacri/iceberg.htm>. Acesso em: 15ABR. 2007.

BACK, L., CRABBE, T., SOLOMOS, J. Beyond the racist/hooligan couplet: race, social theory and football culture. **The British Journal of Sociology**. v. 50, n. 3, p. 419 - 442, 1999.

BARBATO, P. R.; NAGANO, H. C. M.; ZANCHET, F. N.; BOING, A. F.; PERES, M. A. Perdas dentárias e fatores sociais, demográficos e de serviços associados em adultos brasileiros: uma análise dos dados do Estudo Epidemiológico Nacional (Projeto SB Brasil 2002-2003). **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 8, p.1803-1814, ago, 2007.

BARON, R. A. Human aggression. Nova York: **Plenum Press**, 1977.

BARROS, J. M. A. Futebol - Porque foi... Porque não é mais. Rio de Janeiro: **Sprint**, Cap.10, p.67-69, 1990.

BITOUN, JAN. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 340 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde), 2005.

BITOUN, JAN. **Representações geográficas da desigualdade intra-urbana, crescimento econômico e violência urbana**: uma reflexão a partir do Atlas de Desenvolvimento Humano Do Recife. In: Alcindo José de Sá. (Org.). Pelo direito à vida: A Construção de um espaço cidadão. Recife: Editora Universitária da UFPE, v. 1, p. 55-62, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2005. 340 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).CAHN, R. **L'adolescent dans la psychanalyse**. PUF, Paris, 1998.

CALDAS JUNIOR, A. F. ; RABELLO, P. M. . Violência contra a mulher coesão familiar e drogas. **Revista de Saúde Pública / Journal of Public Health**, v. 41, p. 970-978, 2007.

CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**; São Paulo; v27;n1;p.123-140;JAN./JUN.; 2001.

CAPEZ, F. Violência no futebol. In: LERNER, J. (Ed.). **A violência no esporte**. São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania/Imesp, p. 49 – 52, 1996.

CARDIA, N. **Pesquisa sobre atitudes, normas culturais e valores em relação a violência em 10 capitais brasileiras**. Brasília; Ministério da Justiça / Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

CARLINI EA, GALDURÓZ JCF, NOTO AR, NAPPO SA. **I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas no Brasil**: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país - 2001. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo; p. 480-2, 2002.

CARVALHO, A.M. **Violência no desporto**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

CASTILLO, MARIA MAGDALENA ALONSO; CAUFIELD, CATHERINE; GÓMEZ MEZA, MARCO VINICIO. Consumo de drogas y violencia laboral en mujeres trabajadoras de Monterrey, N. L., México / Drug consumption and occupational violence in working women of Monterrey, N. L., Mexico **Rev. latinoam. enferm**;13(2,n.esp):1155-1163, nov.-dez. 2005.

CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo; Brasiliense, 1986.

CHESNAIS, J. C. “A violência no Brasil. Causas e recomendações políticas para a sua prevenção”. **Ciências e Saúde Coletiva**: 4 (1) : 53-69, 1999.

COSTA, I.G.R., LUDEMIR, A.B., AVELAR, I. Violência contra adolescentes: Diferenciais segundo estratos de condição de vida e sexo. **Ciência e Saúde Coletiva**. 0002/2007

COSTA, M.R. da et al (orgs.). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo, Musa, 1999.

CUNHA, F. A. Origem, evolução e composição das torcidas. Disponível em:> <http://www.cdof.com.br/index.htm.artigos>. Acesso em: 10 Mar. 2007.

DA MATTA, R. “**As raízes da violência no Brasil**: reflexões de um antropólogo social”. In: VVAA. Op. cit., 1982.

DE ANTONI, C., & KOLLER, S. H. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia**, 2000, 5(2), 347381.

DENISOV, V.. **Violencia Social**: Ideologia y Politica. Moscú: Progreso, 1986.

DESLANDES, S. F. **Prevenir e Proteger**: Análise de um Serviço de Atenção aos Maus Tratos na Infância. Tese de Mestrado, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1993.

DI'CLEMENTE R. J. Prevention of Sexually Transmitted Infections Among Adolescents. **JAMA**; 279:1574-1575, 1998.

DOMENACH, J. M., 1981. **La violencia**. In: La Violencia y sus Causas (A. Joxe, org.), pp.33-45, Paris: Unesco.

FAGAN, J. Drugs, alcohol and violence. **Health Affairs**, 12:66-79, 1993.

FAGAN, J. **Intoxication and aggression**. In: Drugs and Crime (M. Tonry & J. Q. Wilson, eds.), pp. 8-43, Chicago: Chicago University Press, 1990.

FALCÃO, D. V. S. **Doença de Alzheimer**: um estudo sobre o papel das filhas cuidadoras e suas relações familiares. Tese (Doutorado em Psicologia) – Curso de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FALCETO, O. G., BUSNELLO, E. D., BOZZETTI, M. C. Validação de escalas diagnósticas do funcionamento familiar para utilização em serviços de atenção primária à saúde. **Rev Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health** 7(4), 2000.

FIGLIE, N.; FONTES, A.; MORAES, E.; PAYÁ, R. Filhos de dependentes químicos com fatores de risco bio-psicossociais: necessitam de um olhar especial? **Rev. Psiq. Clín.** 31 (2);53-62, 2004

FREITAS, Clara M. S. M. de. **O significado social do desporto nas classes sociais**. Dissertação (Mestrado) - Porto, 2000.

GALINDO, E. DE V. et al. Prevalência de cárie e fatores associados em crianças da comunidade do Vietnã, Recife. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.** v.5 n.2 Recife abr./jun. 2005

GAWRYSZEWSKI, V.P., KOIZUMI, M.S., MELLO JORGE, M.H.P. As causas externas no Brasil no ano 2000: comparando a mortalidade e a morbidade. **Cad Saúde Pública.**;20:995-1003, 2004.

GEHRING, T. M. Family System Test (FAST). **Göttingen**: Hogrefe & Huber Publishers, 1993.

GOLD, S. N.; HYMAN, S. M.; ANDRÉS-HYMAN, R. C. Family of origin environments in two clinical samples of survivors of intra-familial, extra-familial, and both types of sexual abuse. **Child Abuse and Neglect**, v. 28, 1.199-1.212, 2004.

HENRIQUES, R. **Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90..** (Textos para discussão, n. 807). Rio de Janeiro; IPEA, 2001.

HORTA, ROGÉRIO LESSA et al. **Tabaco, álcool e outras drogas entre adolescentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: uma perspectiva de gênero / Tobacco, alcohol, and drug use by teenagers in Pelotas, Rio Grande do Sul State, Brazil: a gender approach**, 2007.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais 2004**, 2005.

IBGE. **Síntese de indicadores da pesquisa nacional de amostras por domicílio**, 2007.

JALON, M. J. D. A. La violencia entre iguales en la adolescencia y su prevención desde la escuela. **Psicothema**, v17, n4, p.549-558, 2005.

KANH, T. Paz nas escolas. **Revista do INALUD**, [s.l.], v.8, p. 19-48, 2001.

KERR-CORRÊA, FLORENCE et al. Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da Unesp / Alcohol and drug use by Unesp medical students **Rev. bras. psiquiatr**;21(2):95-100, abr.-jun. 1999.

KIRKWOOD, B.R. Essentials of Medical Statistics. **Oxford, Blackwell Scientific Publications**, 1988.

KOWARICK, L. **Escritos urbanos**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

KRUG, E. G. et al. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra; Organização Mundial de Saúde, 2002.

LARANJEIRA R, ROMANO M. Consenso brasileiro sobre políticas públicas do álcool. **Rev Bras Psiquiatr**. 26 Suppl 1:68-77, 2004

LERNER, J. (ed.). **A violência no esporte**. São Paulo, Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, Imesp, 1996.

LIMA, L.C.A. et al. **Estudo dos Diferenciais Raciais/Étnicos no Uso de Drogas**. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

LOPES NETO. A.A. Bullying: **Comportamento agressivo entre estudantes**. In: EIESNSTEIN, E., LIDICHI, V.G. Abusos e proteção de crianças e adolescentes; Rio de Janeiro, CEIIAS/IPSCAN, p. 28-35, 2002.

LORDELO, L.R.; BASTOS, A.C.S.; ALCANTARA, M.A.R. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, n.2, p.31-40, jul./dez, 2002.

LOREDO-SILVA, M. C. M. T.; GALLEGOS, R.G.T.; MEJIA-LAGUNA, M. C. J. E. Uso de farmacos sicotropicos en la poblacion estudantil universitária, Mexico. **Salud Publica Méx.** 19: 709-14, 1977.

LUIZ, R. R., MAGNANINI, M. M. F. A lógica da determinação do tamanho da amostra em investigações epidemiológicas. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro , 8 (2): 9-28, 2000.

LUZ, M.T.M.; SILVA, R.C. Vulnerabilidade e adolescências. In: BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Políticas de Saúde. **Cadernos Juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília/DF: Ministério da Saúde, v.1. p.93-96, .1999

MACEDO, A.C. et al. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil, **Revista de Saúde Pública.** 35 (6): 515-522, 2002.

MAHONEY, P., WILLIAMS, L. M., & WEST, C. M. **Violence against women by intimate relationships partners**. In C. M. RENZETTI., J. L. EDLESON, & R. K. ERGEN(Eds.), Sourcebook on violence against women (pp. 143-178). Thousand Oaks: Save Publications. 2001.

MÂNICA, G., TESSMER, L., CORRALES, M. **A estratégia da Epidemiologia Social**: abandonando linearidades, abrindo-se a vidas que são por si complexas. Simpósio Temático Gênero, violência e segurança pública ST. 39. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: > http://www.fazendogenero7.ufsc.br/st_39.html. Acessado em 03 FEV 2007.

MAYA SANCHEZ, M. de los A. & GARCÍA ZAVALA, G. Estudio epidemiológico sobre el uso de alcohol en población joven de 14 a 18 años. **Salud, publ. México**, 28: 371-9, 1986.

MEDINA-MORA, M.E. & CASTRO, M.E. El uso de inhalantes en México. **Salud, ment.**, 7(1): 13-8, 1984.

MELLO JORGE, M. H. P.; LATORRE, M. R. D.O. Acidentes de Trânsito no Brasil: dados e tendências. **Cad. Saúde Pública**, 10 (1): 19-44, 1994.

MELLO JORGE, M.H.P., YUNES J. Violência e saúde no Brasil. **Revista USP**. 51:114-27, 2001.

MELO, ZÉLIA MARIA DE et al. Família, Álcool e Violência em uma comunidade da cidade do Recife. **Psicologia em Estudo**, Maringá, V. 10, N. 2, P. 201-208, Mai./Ago. 2005

MINAYO et al. **Fala galera**: juventude, violência e cidadania no Rio de Janeiro. Editora Garamond, Rio de Janeiro, 1999.

MINAYO, M. C. S. **Violência como construção social**: refletindo o pensamento dos jovens. In: Fundação de amparo à pesquisa do estado do rio de janeiro; academia brasileira de ciências (Org.). Drama social. Rio de Janeiro, p. 143-157, 2002.

MINAYO, M. C. S. A violência social na perspectiva da saúde pública. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 10 (supl. 1): 07-18, 1994.

MINAYO, M. C. S. É possível prevenir a violência? **Ciência e Saúde Coletiva**, [s.l.], v.4,n.1, p.7-24, 1999.

MINAYO, M. C. S., DESLANDES, S. F. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 14(1):35-42, jan-mar, 1998

MINAYO, M.C.S. **Violência, um problema para a saúde dos brasileiros:** introdução. Pp.9-33. In:Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Souza ER, Minayo MCS (orgs). Brasília:Editora do Ministério da Saúde, 2005.

MINAYO, M.C.S.; SOUZA, E. R. (Org.). **Violência sob o olhar da Saúde:** a infra-política da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.

MOFFIT, T. E., & CASPI, A. **Como prevenir a continuidade intergeracional do comportamento anti-social:** implicações da violência entre companheiros. In A. C. FONSECA (ED.), **Comportamento anti-social e família** (pp.373-396). Coimbra:Almedina, 2002.

MURPHY, P.; WILLIAMS, J. e DUNNING, E. **O futebol no banco dos réus:** violência dos espectadores num desporto em mudança (Tradução de Raul Sousa Machado). Oeiras/Portugal, Celta Editora, 1994.

MUZA, G. M., BETTIOL, H., MUCCILLO, G., BARBIERI, M. A. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). Prevalência de consumo por sexo, idade e tipo de substância. **Rev. Saúde Pública**, 31 (1): 21-9, 1997.

MYLANT, M. ET AL. Adolescent Children of Alcoholics: Vulnerable or Resilient? **Journal of the American Psychiatric Nurses Association**, Vol. 8, No. 2, 57-64, 2002.

NEGREIROS, T. C. G. M.; FÉRES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 4, n. 1, p. 34-47, 2004.

OLSON, D. Circumplex Model of Marital and Family Systems. **Journal of Family Therapy**, v22, 144-167, 2000.

OLSON, D.H., PORTNER, J., & LAVEE, Y. **FACES III Manual**. St. Paul, USA: Department of Family Social Sciences, University of Minnesota, 1985.

OPAS (Organização Panamericana de Saúde) **Resolución XIX: Violência y Salud**. Washington:OPAS, 1993.

OPAS (Organização Panamericana de Saúde), **Salud y Violencia: Plan de Acción Regional**. Washington: OPAS, 1994.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Informe Mundial sobre la violência y la salud**: resumem. Washigton, D.C. Oficina Regional para lãs Américas de la Organización Mundial de la Salud, 2002.

OSÓRIO, L. C. **A família como grupo primordial**. In: ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. (Org.). Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Artmedp. 49-58, 1997.

PELAEZ, G.B.; RICO, O.; RAMIREZ, A.; PAZ, M. I.; RAMIREZ, J.; RIVAS, J.C.; SALINAS, A.; RODRIQUES, O.; SALAZAR, A.; RINCÓN, N. Uso de drogas entre estudantes de Cali, Colombia. **Bol. Ofic. Sanit. Panam.**, 106: 22-31, 1989.

PELISOLI, C. ; DELLAGLIO, D. D. **Características del subsistema parental percebidas por niñas victimas de abuso sexual intrafamiliar**. In: I Congreso Internacional Violencia, Maltrato y Abuso, 2007, Buenos Aires. I Congreso Internacional Violencia, Maltrato y Abuso, 2007.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PILZ, G. A. **Nurturing fair play in competitive sports**. Results from a study on competitively oriented youth soccer. *Bundesgesundheitsblatt Gesundheitsforschung Gesundheitsschutz*. v. 48, n. 8, 881 - 890, 2005.

PIMENTA, C.A.M. **As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol**". In: COSTA, M.R. da et al. *Op. Cit.* p.131-145.,1999.

PIMENTA, C.A.M. **Torcidas organizadas de futebol**: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté, Vogal, 1997.

PIMENTA, C.A.M. **Violência entre torcidas organizadas**: São Paulo em Perspectiva. São Paulo, 14(2): 122-128, 2000.

PINE C M; PITTS N B; NUGENT Z J. British Association for the Study of Community Dentistry (BASCD) guidance on sampling for surveys of child dental health. A BASCD coordinated dental epidemiology programme quality standard. **Comm Dent Health**;14 Suppl 1:10-7, 1997.

PINTON, FABIO A; BOSKOVITZ, EDUARDO P; CABRERA, ELIANA M. S. Uso de drogas entre os estudantes de medicina da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP, no ano de 2002 / Drug use among the students of the Medical School of São José do Rio Preto, SP, in 2002 **Arq. ciênc. saúde**;12(2):91-96, abr.-jun. 2005.

RAMOS, S. DE P., BERTOLOTE, J. M. **Alcoolismo hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REICHENHEIM, M. E.; WERNECK, G. L. Anos Potenciais de Vida Perdidos no Rio de Janeiro, 1990. As Mortes violentas em questão. **Cad. Saúde Pública**, 10 (1): 188-198,1994.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **A violência nos estádios**. (Relatório de pesquisa, Pós-doutorado). São Paulo: FAPESP, 2000.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico. **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, 17(2): 85-92, jul./dez. 2003.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Sociedade**: as manifestações da torcida. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

ROCHA, S. **Pobreza no Brasil**: afinal do que se trata?. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SARINANA, M. E. C.; MAYA, M. A.; AQUILAR, M. A. Consumo de substâncias tóxicas y tabaco entre la población estudiantil de 14-18 anos. **Salud Publica Mex.**, 24: 565-74, 1982.

SCHENKER, M. ; MINAYO, M.C.S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciências e Saúde coletiva**, [s.l.], v.8, n.1, p. 299-306, 2003.

SCHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo, Edições Loyola, 1993.

SCIVOLETTO, SANDRA; HENRIQUES JÚNIOR, SÉRGIO GONÇALVES; ANDRADE, ARTHUR GUERRA DE. Uso de drogas por adolescentes que buscam atendimento ambulatorial: comparação entre "crack" e outras drogas ilícitas - um estudo piloto / Drug use by adolescents who seek outpatient care: comparison between "crack" and other illegal drugs - a pilot study **Rev. ABP-APAL**;19(1):7-17, jan.-mar. 1997.

SHEPHERD, J. Football hooliganism, delinquency and public health. **Med Leg J**;59 (Pt 1):50-2, 1991.

SILVA, E.M. da. **As 'torcidas organizadas de futebol'**: violência e espetáculo nos estádios. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Departamento de Ciências Sociais da PUC/SP, 1996.

SILVA, ENID R., GUERESI, SIMONE. **Adolescentes em conflito com a lei**: situação do atendimento institucional no Brasil. Brasília: IPEA/Ministério da Justiça, 2003.

SIMÕES, C. S. C. **Perfis de saúde e mortalidade no Brasil**: uma análise de seus condicionantes em grupos populacionais específicos. Brasília, Organização Panamericana de Saúde, 2002.

SOUZA E.R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciênc Saúde Coletiva**. 2005;10:59-70.

SOUZA, E. R. & MINAYO, M. C. S. **O Impacto da Violência Social na Saúde Pública do Brasil**; Década de 80. Rio de Janeiro: Centro Latino Americano de Estudos Sobre Violência e Saúde, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz. (Mimeo.), 1994.

SPOSITO, M. P. A Instituição escolar e a violência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 104, p. 58-75, 1998.

STROUP, ANTOINETTE M., SMITH, KEN R. Familial Effects of BRCA1 Genetic Mutation Testing: Changes in Perceived Family Functioning. **Cancer Epidemiology Biomarkers & Prevention** 16, 135-141, January 1, 2007.

SZWARCWALD, C. L.; CASTILHO, E. A. Mortalidade por armas de fogo no estado do Rio de Janeiro, Brasil: uma análise espacial. **Rev. Panamericana de Saúde Pública**, 4 (3), 1998.

TEIXEIRA, R. C. Torcidas jovens: entre a festa e a briga. **Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**. Universidade Federal Fluminense. N.10/11. Niterói, Eduff, 1o/2o semestres. Pág. 85-104, 2001.

TEODORO, M. L. M. Afetividade e conflito em díades familiares: avaliação com o Familiograma. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 40, n. 3, p. 386-390, 2006.

TEODORO, M. L. M. **Habilidades sociais e processos de identificação em crianças e adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

TOLEDO, L.H. de. “Transgressão e violência entre torcedores de futebol”. **Dossiê futebol**. São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 22, jun./jul./ago. p.92-101, 1994.

TOLEDO, L.H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, Autores Associados/Anpocs, 1996a (Coleção Educação Física e Esportes).

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas uniformizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole.** Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

VICTORA C. G; ARAÚJO et al. Aspectos metodológicos da Coorte de Nascimentos de 1993 em Pelotas, RS. **Revista de Saúde Pública** / Journal of Public Health, v. 40, n. 1, p. 39-46, 2006.

VIEIRA et al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil / Alcohol, tobacco, and other drug use by teenage students in a city in Southern Brazil **Cad. saúde pública = Rep. public health**; 24(11):2487-2498, nov. 2008.

VIEIRA, DENISE LEITE; RIBEIRO, MARCELO; LARANJEIRA, RONALDO. Evidence of association between early alcohol use and risk of later problems **Rev. bras. psiquiatr**;29(3):222-227, set. 2007.

VIEIRA, RICARDO ALEXANDRE GUERRA; SIQUEIRA, GISELA ROCHA DE. O problema da violência nos estádios e as torcidas organizadas de times de futebol: um ensaio teórico sobre importante fenômeno urbano da atualidade. **Cad. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, 16 (1): 21 - 34, 2008

VIEIRA, RICARDO ALEXANDRE GUERRA; SIQUEIRA, GISELA ROCHA DE. Violência entre torcidas nos estádios de futebol: uma questão de Saúde Pública. **Saúde Soc**;17(3):54-62, jul.-set. 2008.

WHITE HR, GORMAN DM. **Dynamics of the drugs-crime relationship.** In: Lafree G, editor. Criminal justice 2000: The nature of crime: continuity and change. Washington, DC: National Institute of Justice; 2000. v. 1 p. 151-218.

YOUNG, K. Sport and collective violence. **Exerc Sport Sci Rev**;19:539-86, 1991.

YUNES, J. & RAJS, D., 1994. Mortalidad por causas violentas. **Cadernos de Saúde Pública**, 10 (supl.1):88-125.

ZDANOWICZ, N., JANNE, P., REYNAERT, CH. ¿Juega la familia un papel clave en la salud durante la adolescencia?. **The Eur. J. Psychiat.** Vol. 18, N.º 4, (215-224) 2004.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)